MARY ARLETE PAYÃO PELA

A BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA, ESPAÇOS FORMATIVOS E INCLUSÃO: A PERSPECTIVA DE GRADUANDOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

UNICID - Universidade Cidade de São Paulo

São Paulo

2006

MARY ARLETE PAYÃO PELA

A BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA, ESPAÇOS FORMATIVOS E INCLUSÃO: A PERSPECTIVA DE GRADUANDOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Universidade Cidade de São Paulo, como exigência para obtenção do Título de Mestre em Educação, sob a orientação da Profª Dra. Sylvia Helena de Souza da Silva Batista.

UNICID - Universidade Cidade de São Paulo
São Paulo
2006

Ficha Elaborada pela Biblioteca Prof. Lúcio de Souza . UNICID

P381b Pela, Mary Arlete Payão.
A biblioteca universitária , espaços formativos e inclusão: a perspectiva de graduandos com deficiência visual/ Mary Arlete Payão Pela. --- São Paulo, 2006.
93 p. il. ; anexos.

Bibliografia
Dissertação (Mestrado) – Universidade Cidade de São Paulo - Orientadora: Profª Dra. Sylvia Helena de Souza da Silva Batista.

1. Deficiente visual. 2. Biblioteca universitária – responsabilidade social. 3. Inclusão social. 4. Educação especial. I. Batista, Sylvia Helena de Souza. II. Título.
371.911

COMISSÃO JULGADORA

LUZ NA ESCURIDÃO*

Um dia, um menino de 3 anos estava na oficina do pai, vendo-o fazer arreios e selas. Quando crescesse, queria ser igual ao pai. Tentando imitá-lo, tomou um instrumento pontudo e começou a bater numa tira de couro. O instrumento escapou da pequena mão, atingindo-lhe o olho esquerdo. Logo mais, uma infecção atingiu o olho direito e o menino ficou totalmente cego.

Com o passar do tempo, embora se esforçasse para se lembrar, as imagens foram gradualmente desaparecendo e ele não se lembrava mais das cores. Aprendeu a ajudar o pai na oficina, trazendo ferramentas e peças de couro. Ia para a escola e todos se admiravam da sua memória.

De verdade, ele não estava feliz com seus estudos. Queria ler livros. Escrever cartas, como os seus colegas. Um dia, ouviu falar de uma escola para cegos. Aos dez anos, Louis chegou a Paris, levado pelo pai, e se matriculou no instituto nacional para crianças cegas. Ali havia livros com letras grandes em relevo. Os estudantes sentiam, pelo tato, as formas das letras e aprendiam as palavras e frases.

Logo o jovem Louis descobriu que era um método limitado. As letras eram muito grandes. Uma história curta enchia muitas páginas. O processo de leitura era muito demorado. A impressão de tais volumes era muito cara.

Em pouco tempo, o menino tinha lido tudo que havia na biblioteca. Queria mais. Como adorava música, tornou-se estudante de piano e violoncelo. O amor à música aguçou seu desejo pela leitura. Queria ler também notas musicais. Passava noites acordado, pensando em como resolver o problema. Ouviu falar de um capitão do exército que tinha desenvolvido um método para ler mensagens no

---

* *Fonte: http://www.reflexao.com.br/mensagem_ler.php?idmensagem=126*

escuro. A escrita noturna consistia em conjuntos de pontos e traços em relevo no papel. Os soldados podiam, correndo os dedos sobre os códigos, ler sem precisar de luz. Ora, se os soldados podiam, os cegos também podiam, pensou o garoto.

Procurou o capitão Barbier que lhe mostrou como funcionava o método. Fez uma série de furinhos numa folha de papel, com um furador muito semelhante ao que o cegara em pequeno. Noite após noite e dia após dia, Louis trabalhou no sistema de Barbier, fazendo adaptações e aperfeiçoando-o. Suportou muita resistência. Os donos do instituto tinham gasto uma fortuna na impressão dos livros com as letras em relevo. Não queriam que tudo fosse por água abaixo.

Com persistência, Louis Braille foi mostrando seu método. Os meninos do instituto se interessavam. À noite, às escondidas, iam ao seu quarto, para aprender. Finalmente, aos 20 anos de idade, Louis chegou a um alfabeto legível com combinações variadas de um a seis pontos. O método Braille estava pronto. O sistema permitia também ler e escrever música. A idéia acabou por encontrar aceitação. Semanas antes de morrer, no leito do hospital, Louis disse a um amigo: "Tenho certeza de que minha missão na Terra terminou." Dois dias depois de completar 43 anos, Louis Braille faleceu.

Nos anos seguintes à sua morte, o método se espalhou por vários países. Finalmente, foi aceito como o método oficial de leitura e escrita para aqueles que não enxergam. Assim, os livros puderam fazer parte da vida dos cegos. Tudo graças a um menino imerso em trevas, que dedicou sua vida a fazer luz para enriquecer a sua e a vida de todos os que se encontram privados da visão física.

Há quem use suas limitações como desculpa para não agir nem produzir. No entanto, como tudo deve nos trazer aprendizado, a sabedoria está, justamente, em superar as piores condições e realizar o melhor para si e para os outros.

Dedicatória

À minha mãe Maria (Mariinha)
sinônimo de força, união e amor

E à memória de meu pai, Josino, (Nenê)
sinônimo de coragem, honestidade e amor

Aos meus irmãos Sydnei e Gilberto
sinônimo de garra, inteligência e amor

À minha família
José, Neto e Adriano
pelo companheirismo, força e amor.

Aos usuários da Biblioteca Prof. Lúcio de Souza e em especial aos usuários com deficiência visual por proporcionarem a execução deste trabalho, permitindo incluí-los como personagens, inspiração e a realização de um sonho.

Agradecimentos

A todos os funcionários da biblioteca da Unicid que colaboraram no entendimento da necessidade deste trabalho.

Aos amigos e amigas Prof. Antônio de Siqueira e Silva, Rita, Nilton, Bira, Lauricio, Sérgio Naddeo, Kátia Gerrera e em especial à amiga Eico e ao amigo Cássio, Nelson pelo apoio, carinho e trocas.

Aos professores do programa de Mestrado pelo incentivo e aprendizado.

Ao Chanceler Prof. Paulo Naddeo pelo crédito inicial ao meu trabalho.

À Profa Ana Gracinda pelo incentivo inicial.

À minha orientadora Sylvia Helena pela presença contínua e pelas muitas leituras do texto fazendo rever as construções para o aprimoramento da pesquisa.

LISTA DE FIGURAS E TABELAS

Figura 1 - Aluno estudando em Braille na Biblioteca da Unicid 41

Figura 2 - Aluno utilizando o computador na Biblioteca em companhia do seu cão guia..... 44

Figura 3 - Aluno circulando no espaço da biblioteca com o cão guia 44

Tabela 1 - Número de Alunos DV por Curso na UNICID..... 46

Tabela 2 - Número de alunos matriculados conforme os semestres letivos de 2005 47

Tabela 3 - Número de alunos conforme a atividade (função) exercida em 2005 . 47

Tabela 4 - Fatores Facilitadores do Desempenho na Universidade..... 55

Tabela 5 - Dificuldades encontradas na utilização da Biblioteca..... 59

Tabela 6 - Sugestões para melhoria dos serviços da Biblioteca 61

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 1
1.1 Na trajetória, as origens da pesquisa 1
1.2 Problematizando o Objeto de Pesquisa 3
1.3 As Questões Norteadoras e os Objetivos de Pesquisa 5
1.4 Procedimentos Metodológicos 6
1.4.1 O contexto da pesquisa 7
1.4.2 Sujeitos da Pesquisa 7
1.4.3 Processos de Coleta e Análise de Dados 8

2 A BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA - CONHECENDO UM ESPAÇO ACADÊMICO 10
2.1 Livro, Leitura e Leitor 10
2.2 A Biblioteca Universitária 14
2.3 Biblioteca e a Universidade no Brasil 17
2.4 A Biblioteca Universitária e a Inclusão 19
2.4.1 A Formação para espaços de inclusão 29

3 A EXPERIÊNCIA DA BIBLIOTECA PROF. LÚCIO DE SOUZA DA UNIVERSIDADE CIDADE DE SÃO PAULO (UNICID) NO CAMPO DE APOIO E SUPORTE A ALUNOS DEFICIENTES VISUAIS 34
3.1 No Centro de Apoio Acadêmico aos Deficientes (CAAD), as origens do trabalho com a educação inclusiva na UNICID 36
3.2 Relatando um processo na biblioteca 37
3.2.1 Recursos e ferramentas necessárias para o DV 38
3.2.1.1 Preparação do material 38
3.2.2 Coleção em Braille 41
3.2.2.1 Empréstimo de material em Braille 41
3.2.3 Conversão texto para voz 42
3.2.4 Sala de multimídia 42
3.2.5 Virtual Vision 45

4 CONHECENDO OS GRADUANDOS E SUAS EXPERIÊNCIAS 46
4.1 Os graduandos: alguns traços de inserção na universidade e no mundo do trabalho 46
4.2 Os graduandos e suas experiências escolares 48
4.3 Os graduandos e as experiências com a biblioteca na universidade 55

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 65

REFERÊNCIAS 68

ANEXOS 72

RESUMO

Esta pesquisa tem foco nas relações entre a biblioteca universitária e os estudantes com deficiência visual, sendo que o objeto de investigação abrange as percepções dos alunos sobre a biblioteca universitária da UNICID como espaço formativo. Nesse sentido, assumiu-se como objetivo analisar os olhares de estudantes DV em relação à biblioteca, identificando dificuldades e possibilidades na utilização da biblioteca como um espaço formativo. O referencial teórico adotado privilegiou incursões sobre o livro, processo de leitura, a formação do leitor e suas relações com a biblioteca, destacando-se nesta seus movimentos no contexto universitário e sua função no processo de educação inclusiva. Os procedimentos metodológicos abrangeram a contextualização da Biblioteca da Universidade Cidade de São Paulo e sua história em relação às políticas de inclusão, bem como a aplicação de questionário semi-estruturado a 21 graduandos deficientes visuais que freqüentam a referida biblioteca da UNICID. No tocante à análise dos dados, procurou-se analisar as dimensões relativas aos significados emergentes nas manifestações dos estudantes. Os resultados apontam para a importância de fatores como atenção, compreensão, acolhimento no âmbito da relação professores-aluno, além da identificação da necessidade da prática da linguagem Braille para o desenvolvimento educacional e a integração do aluno com deficiência visual na sociedade. Destaca-se, também, que a ausência de material adaptado dificultou muito o contato com os livros. Os estudantes reconheceram a biblioteca como um espaço formativo, sinalizando pontos fortes e nós críticos no que se refere às atividades realizadas no decorrer do curso de graduação. Observa-se, dessa maneira, que a gestão da Biblioteca requer reavaliação das posturas dos profissionais que atuam nesse espaço, mediante as políticas de inclusão e conscientização da comunidade acadêmica. Os dados parecem reforçar o pressuposto de que a biblioteca universitária pode significar um caminho a serviço da diminuição e superação das diferenças, fortalecendo a construção da cidadania e participando da rede de ações comprometidas com a inclusão social.

Palavras-chave: Deficiente visual, Biblioteca universitária-Responsabilidade social, Inclusão social, Educação especial.

ABSTRACT

The present research is focused on relationship between the university library and visual disabled students, given that the object of the investigation involves the perception of the students within the UNICID university library as an educational area. In this meaning, the objective of the research was the analysis of what were visual disabled students looking at in the library, and the identification of difficulties and possibilities of use of the library as an educational area. The theoric references adopted in this research were concentrated on book investigations, reading process, development of the reader and its relationship with the library, accentuating within these activities its movements in the university context and its role in the process of education leading to inclusion. Methodological procedures involved the description of the approach of the University Library of the City of Sǎo Paulo and its history in relation to inclusion policy as well as the analysis of the answers to semi-structured questionnaires forwarded to 21 graduating visual disabled students that frequently use the mentioned UNICID library. As to data analysis, we tried to analyze dimensions relative to elements established on the basis of student´s replies. Beyond the identification of the necessity of practicing Braile language for the educational development and the integration of the visual disabled student within the society, the results also pointed out the importance of such factors as attention, comprehension, reception within the environment of relationship between professors and students. It should be pointed out that the absence of adapted material turned the contact with books extremely difficult. Students defined the library as an educational area, defining its strong sides and critical points in relation to activities executed during the graduation course. We have therefore concluded that the management of the Library requires a reevaluation of the approach of professionals that work within this area through the implementation of inclusion policies and increasing the knowledge and notion of the academic community. Obtained data seem to reinforce the assumed theory that the university library may be a path leading to decrease and surpass differences, strengthening the construction of the society and participating in the network of liable activities aimed at social inclusion.

Key-words: Visual disabled, University Library, Social Responsibility, Social Inclusion, Special Education.

1 INTRODUÇÃO

1.1 Na trajetória, as origens da pesquisa

A minha vida profissional sempre foi no segmento da educação. Hoje, trazendo à memória toda essa trajetória, na realidade, é uma história com inícios e reinícios. Uma história vivida por um único personagem principal, salpicada de desafios e que, a cada resposta, configurava-se um reinício e até mesmo um início.

Fundação Casa de Rui Barbosa foi o local da minha primeira experiência profissional, onde, no dia-a-dia, vivenciei e aprendi, trabalhando com uma pessoa com deficiência física, dizia que o importante é viver a nossa vida ao máximo, sem olhar as nossas limitações, sejam elas quais forem porque, no fundo, somos todos iguais. Essa convivência despertou, em mim, a sensibilidade e o interesse por este assunto na medida em que, nele, encontro respostas e significados das muitas ações e decisões do dia-a-dia do trabalho.

Reportando-me, ainda, à experiência inicial, ela foi marcada por momentos repletos de significados que possibilitaram revelar a essência profissional do ser bibliotecário. O prazer da busca de informações e conhecimentos, do indicar caminhos que conduzem a aprendizados, de mediatizar entre o ser que desconhece e o conhecido, da generosidade e solidariedade, do amor e dedicação ao usuário e também o papel de guardiã do maior legado das civilizações, a memória da humanidade.

Passados esses momentos iniciais de euforia e entusiasmo, surge o desafio de analisar e apreciar o bibliotecário em ação. Algumas ações trazem boas lembranças e proporcionam momentos agradáveis de reflexão; outras muitas, com duplo significado ou mesmo antagônicas, vêm impregnadas de tristeza e alegria, de frustração e satisfação.

O bibliotecário, que há séculos organiza livros e informações, atua como mediador entre a informação e o sujeito em formação. Assim, o bibliotecário deve estar capacitado para atender as necessidades de informação de todos os usuários com responsabilidade, sensibilidade e respeito para com a diversidade que lhe é apresentada em seu cotidiano.

Na primeira experiência profissional como bibliotecária, quando permaneci durante quase dois anos, surgiu a preocupação para com a diversidade. Convivi e interagi com uma diversidade muito próxima, fazendo-me perceber que não existe situação humana impossível de ser adaptada. É o ser humano que cria e estabelece essa diferença em seus gestos e conseqüências. O “diferente” está na forma de executar, de fazer o que deve ser feito. O “diferente” chega ao destino com sua forma de se locomover; ele vê com seus próprios meios.

Participar de grupo de pessoas diferentes na forma de agir mas capazes de chegar ao seu destino é fazer emergir o significado de não exclusão/inclusão até então nada consciente. Foi o momento da semeadura e, como o terreno era fértil, hoje já brotou e encontra-se em pleno desenvolvimento – esforço-me para que impere eqüidade entre para com os que são tratados como diferentes.

Após esse primeiro “começo”, outros vieram decorrentes de troca de trabalho, da continuidade dos estudos acadêmicos com a realização dos cursos de aperfeiçoamento e especialização e, por que não incluir, o Mestrado, os avanços tecnológicos da informática e as exigências impostas a uma boa biblioteca, o crescimento significativo de usuários cada vez mais ávidos do saber, incluindo-se que precisam de meios adequados às suas necessidades. Trabalhar em biblioteca, nos dias de hoje, é estar aberto para mudanças, inovações e diversidades em todos os aspectos.

A minha segunda experiência significativa como profissional foi iniciada em 1982 na FZL - Faculdades da Zona Leste de São Paulo (hoje Universidade Cidade de São Paulo), que na época, possuía uma biblioteca muito tímida quanto ao seu acervo, espaço físico e pessoal. No início, dediquei-me à organização e ampliação do acervo, que por alguns anos não perdeu a timidez.

O ano de 1992 foi para a FZL um momento de muita importância, deixou de ser Faculdades da Zona Leste para transformar-se em Universidade Cidade de São Paulo. Por isso, a Biblioteca teve sua ampliação bastante significativa de acervo, espaço físico e pessoal.

Em 1998, iniciou-se a implantação do projeto de informatização, possibilitando o desenvolvimento de outros serviços internos e melhor atendimento ao usuário.

Exerço minhas atividades nessa Biblioteca desde o ano de 1982, mas, desde 1995, minha observação e preocupação foram convergindo para o estudante com deficiência visual. Não sabíamos lidar com este tipo de usuário, que precisava ter acesso à literatura e acompanhar as exigências do curso. Várias situações de desconforto e insatisfação evidenciaram que o material informacional da Biblioteca não satisfazia à necessidade do usuário com deficiência visual.

Atentando-se para as características específicas desses estudantes, pode-se constatar a existência da distância a ser, por nós, percorrida para atendê-los adequadamente. Encontrar a solução para esse problema passou a incomodar e desafiar a administração desta unidade. Após contato pessoal com muitos alunos com deficiência visual, ouvimos muitas histórias diferentes e aprendemos o que eles esperavam do profissional da biblioteca.

Atualmente temos procurado garantir o direito e o acesso de todos os alunos ao material informacional e capacitar os profissionais para prestar serviços de qualidade às pessoas com deficiência visual.

O crescimento e o amadurecimento profissionais proporcionaram-me maior clareza e abrangência do papel do bibliotecário.

O desafio iminente é estudar e buscar respostas para o como e quais meios podemos utilizar para atender esse público tão diferente no como e nos meios de ter acesso às informações e participar, assim, do processo de construção do conhecimento. Uma certeza é clara - a biblioteca é um espaço de inclusão.

1.2 Problematizando o Objeto de Pesquisa

O foco do projeto em questão são as relações entre a biblioteca universitária da Unicid e os estudantes com deficiência visual[1]. No contexto universitário, tem crescido significativamente o número de alunos com deficiência, o que exige mudanças na cultura acadêmica, estruturais, de funcionamento e de adaptações de serviços.

[1] A partir de então será usada a sigla DV para referir-se à pessoa com Deficiência Visual, o cego e o de baixa visão.

A partir da perspectiva da inclusão, faz-se necessário re-significar o próprio processo de aprendizagem. Aprender é um processo que se constrói na interação com o outro, com o meio e consigo próprio, configurando movimentos pessoais e coletivos, trazendo tanto as marcas da intersubjetividade, historicamente situada, como da subjetividade, produzida nas relações sociais. (VYGOTSKI, 1988).

Para o estudante DV ter sua subjetividade e condições concretas de vida respeitadas exigem-se condições especificas: como possibilitar que a aprendizagem seja construída com o máximo de recursos, uma vez que o seu olhar utiliza sensações outras que não aquelas promovidas pelo órgão da visão.

Nesse contexto, a biblioteca assume funções diversificadas para promover a relação ensino-aprendizagem dessa população DV – acesso aos ambientes físicos e virtuais, ao conteúdo do acervo, às produções – orientadas pela política de "não exclusão" manifestada na própria gestão.

Proporcionar condições para minimizar as dificuldades naturais, enfrentadas no dia-a-dia pelo DV, no caso, a freqüência à Biblioteca e torná-lo usuário regular, com facilidades de acesso ao material informacional, é praticar a sua "não exclusão". Assim, cabe à gestão da biblioteca, redefinir sua política e diretrizes, determinar a metodologia a ser adotada e executá-la.

Nesse contexto, a Biblioteca terá acentuado o seu papel na disseminação de uma cultura de "não exclusão" e de valorização do ser humano, juntamente com a equipe de trabalho.

Sendo a biblioteca uma instituição voltada para suprir as necessidades informacionais da comunidade, é fundamental que ela não se omita perante o problema, procurando estruturar seus serviços e estendê-los ao deficiente visual, participando, assim, do processo de *resgate do mesmo para a sociedade*. (FERNANDES; AGUIAR, s.d.,p.3).

Segundo Torres, Mazzoni e Alves (2002, p.84), as barreiras arquitetônicas não são o maior obstáculo enfrentado pelas pessoas DV. O maior entrave está no acesso à informação e, conseqüentemente, a aspectos importantes relacionados à informação, como a educação, o trabalho e o lazer.

No campo do acesso à informação como meio de inclusão do aluno portador de deficiência visual, emergem preocupações quanto aos recursos materiais e tecnológicos para o estudante com deficiência visual que necessita, para estudar, no ambiente da Biblioteca universitária, abrangendo-se, também, os movimentos assumidos por bibliotecas universitárias para atender às necessidades de material informacional dos estudantes DV.

Conforme afirma Takahashi (2000, p.45)

> A educação é o elemento–chave na construção de uma sociedade baseada na informação, no conhecimento e no aprendizado. Parte considerável do desnível entre indivíduos, organizações, regiões e países deve-se à desigualdade de oportunidades relativas ao desenvolvimento da capacidade de aprender e concretizar inovações.

A preocupação com os portadores de deficiência é, hoje, tema relevante entre as prioridades e urgências da sociedade.

1.3 As Questões Norteadoras e os Objetivos de Pesquisa

Esta pesquisa tem como objeto de investigação as relações entre os serviços prestados pela biblioteca universitária e os acadêmicos com deficiência visual, assumindo a perspectiva de contribuir para a formação desse estudante e colaborar no processo de construção do conhecimento.

A questão central da presente investigação expressa-se: C*omo os alunos DV que freqüentam a biblioteca da UNICID compreendem o papel formativo da biblioteca?*

Esse questionamento implica também interrogar: Quais as experiências significativas na trajetória desses estudantes no campo da vivência escolar? Como vem sendo construída a relação desses alunos com a leitura?

Emerge, assim, o objetivo de *analisar os olhares de estudantes DV em relação à biblioteca, identificando dificuldades e possibilidades na sua utilização como um espaço formativo.*

1.4 Procedimentos Metodológicos

A partir do objetivo central desta pesquisa, opta-se por uma abordagem qualitativa. O caminho metodológico proposto parece ser o que melhor atende às nossas intenções, por entendermos, que através dele pode-se perceber os significados das ações presentes, uma vez que o objeto de investigação abrange as percepções dos alunos sobre a biblioteca universitária da UNICID como espaço formativo.

Ludke e André (1988, p.11), com base nos estudos desenvolvidos por Bodgdan e Biklen, apresentam cinco características básicas que configuram esse tipo de estudo:

1. A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. Supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, via de regra através de trabalho intensivo de campo.
2. Os dados coletados são predominantemente descritivos. O material obtido nestas pesquisas é rico em descrições de pessoas, situações, acontecimentos; inclui transcrições de entrevistas e depoimentos.
3. A preocupação com o processo é muito maior do que com o produto. O interesse do pesquisador ao estudar um determinado problema é verificar como ele se manifesta nas atividades, procedimentos e nas interações cotidianas.
4. O “significado” que as pessoas dão às coisas e a suas vidas são focos de atenção especial pelo pesquisador . Nesses estudos há sempre uma tentativa de capturar a “perspectiva dos participantes”, isto é, a maneira como os informantes encaram as questões que estão sendo focalizadas.
5. A análise dos dados tende a seguir um processo indutivo. Os pesquisadores não se preocupam em buscar evidências que comprovem hipóteses definidas antes do inicio dos estudos.

É nessa perspectiva que a investigação foi desenvolvida, enfatizando-se as dimensões relativas aos significados emergentes nas manifestações dos alunos envolvidos na pesquisa.

1.4.1 O contexto da pesquisa

Atualmente a Universidade Cidade de São Paulo oferece 21 cursos de graduação, 21 cursos superiores de tecnologia e 3 Mestrados reconhecidos pelo MEC, nas áreas de Humanas e Saúde. Os 43 mil metros quadrados de área construída abrigam uma população formada por mais de 8 mil pessoas entre alunos, professores e funcionários administrativos, além de outros tipos de usuários que diariamente são atendidos pelos diversos serviços oferecidos pela instituição.

A Biblioteca da UNICID[2] foi criada em 1972, por ocasião do surgimento das Faculdades da Zona Leste de São Paulo. Em outubro de 1992, passou a designar-se Biblioteca Prof. Lúcio de Souza com a transformação das Faculdades em Universidade Cidade de São Paulo.

1.4.2 Sujeitos da Pesquisa

Do universo de mais de 7 mil alunos matriculados, *21* foram identificados como deficientes visuais. Essa população compreende o núcleo dos sujeitos desta pesquisa: o usuário com deficiência visual da Biblioteca Prof. Lúcio de Souza.

Para a identificação do grupo objeto de estudo, fizemos um levantamento de informações no Centro de Apoio Acadêmico aos Deficientes (CAAD) quanto aos alunos portadores de deficiência visual nele cadastrados e que apresentavam as características do perfil da nossa população-alvo. Verificamos, nas salas de aula, a existência desse tipo de alunos e que não estivessem, ainda, cadastrados no CAAD. Já com a relação dos alunos selecionados, consultamos cada um deles da possibilidade de participação da nossa pesquisa.

No âmbito das questões éticas e legais da pesquisa, obteve-se a anuência de todos os universitários participantes por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. (Anexo 1).

---

[2] No capítulo 3 apresenta-se a Biblioteca, suas origens e dinâmica de trabalho.

1.4.3 Processos de Coleta e Análise de Dados

Para coleta de dados foi utilizado o questionário semi-estruturado (perguntas abertas e fechadas) para caracterizar a trajetória escolar do aluno com deficiência visual, bem como identificar como aluno com deficiência visual se constitui leitor.

O questionário é um conjunto de questões, com o intuito de levantar informações para atingir os objetivos do trabalho. De acordo com Cervo e Bervian (2004, p.48), o questionário "*é a forma mais utilizada para coletar dados, pois possibilita medir com melhor exatidão o que se deseja* ".

Esse procedimento de pesquisa possui as seguintes vantagens:

> O questionário possibilita ao pesquisador abranger um maior número de pessoas e de informações em espaço de tempo mais curto que outras técnicas de pesquisa; facilita a tabulação e tratamento dos dados obtidos, principalmente se o questionário for elaborado com maior número de perguntas fechadas e de múltipla escolha e o pesquisado tiver tempo suficiente para refletir sobre as questões e respondê-las mais adequadamente. (BARROS ; LEHFELD, 1986, p.109).

O processo de elaboração do questionário envolveu a construção das questões e a explicitação das intenções do pesquisador em cada pergunta formulada. No Anexo 2 encontra-se a versão definitiva do instrumento.

Na coleta de dados, a primeira fase compreendeu a busca dos estudantes. Assim, os alunos foram convidados a responder o questionário em contato pessoal, por e-mail ou por telefone e senti que todos queriam participar da pesquisa.

Na fase da aplicação do instrumento, os questionários foram respondidos na própria Biblioteca por meio digital com o recurso do programa ledor de tela Virtual Visual ou foram encaminhados por e-mail aos participantes que desejaram responder em outro local.

O período de aplicação do questionário foi de 15 dias; os 21 questionários entregues foram todos devolvidos, garantindo-se que a totalidade dos participantes da pesquisa tivessem suas respostas analisadas. O processo de análise de dados compreendeu:

1. organização e sistematização dos dados por questão investigada;
2. leitura das respostas, procurando-se identificar indicadores quantitativos e qualitativos;
3. no âmbito dos indicadores quantitativos, foram estruturados, tabelas e quadros;
4. no campo dos dados qualitativos, foram agrupados os dados em torno de temas que emergiram das respostas;
5. estabeleceu-se, então, o diálogo com a literatura.

2 A BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA - CONHECENDO UM ESPAÇO ACADÊMICO.

2.1 Livro, Leitura e Leitor

A incursão pela biblioteca nos remete ao processo de leitura ao sujeito leitor. O livro e a leitura se entrelaçam no tempo cada qual com seus espaços e características, estimulando a criatividade e interferindo no desenvolvimento do ser humano. As bibliotecas são espaços de promoção à leitura que possibilita o desenvolvimento do indivíduo interferindo em suas experiências de vida.

Segundo Silva (1993), a leitura pretende atender basicamente a três solicitações do sujeito que são para sua informação, conhecimento e prazer. A leitura informacional possibilita o referencial de informação do nosso cotidiano, proporcionada pelas leituras de jornais e revistas da atualidade. A leitura de conhecimento está intimamente ligada ao estudo ou à pesquisa e à leitura como lazer que é a que conduz à poesia e a outros gêneros literários.

Nos diferentes significados das solicitações de leitura pelo sujeito, percebemos que há o tempo do leitor , o tempo da leitura e o tempo da escrita se entrelaçando e fazendo desse momento um mergulho para o conhecimento, reconhecimento, compreensão e interpretação do significado do autor e para a construção do significado para o leitor.

Segundo Langer (1993), o escritor cria um significado que deve ser utilizado pelo leitor no ato de compreender. Um escritor ao elaborar seu texto tem em mente um determinado público, e em vista disso será mais ou menos explícito, o que influenciará nos processos de inferência do leitor. Ser leitor é ser capaz de aprender os referenciais de uma informação, é sentir o que está nesses referenciais e compreender seus significados no mundo. Os leitores são sujeitos em permanente busca de sentidos e de saberes que reconhecem, na linguagem, a possibilidade de valores, atitudes e críticas.

Formar leitor é formar pensando a relação da leitura ou a idéia da leitura como experiência de formação e transformação e dar meios para desenvolver um conjunto de disposições preexistentes do sujeito.

Isto pode ser utilizado com vários propósitos. Por exemplo, segundo Silva (1983, p.36).

> Se o ler for tomado como um ato libertador, como uma prática provocadora de consciência dos fatos sociais por parte do povo, então é interessante ao sistema dominante que as condições de produção da leitura sejam empobrecidas ao máximo, ou seja, que o acesso ao livro e a um certo tipo de leitura (a crítica-transformadora) seja dificultado ou bloqueado. Assim, manter ou fazer aumentar a taxa de analfabetismo no país,(...), consolidar o caráter culto, erudito e sagrado do processo de escritura, desvincular a leitura do trabalho, desmantelar a imprensa operária e marginal, folclorizar as produções escritas do povo, sorrir diante do fechamento das livrarias nacionais, impor ou forçar o rebaixamento da qualidade da leitura nas escolas, controlar o teor dos livros didáticos, postergar *ad aeternum* a implantação de bibliotecas escolares (...) dificultar a distribuição e o consumo de livros no país, explorar ao máximo o trabalhador de modo que não lhe sobre tempo nem recursos para ler , etc.... etc... são marcas de uma política que certamente não privilegia a popularização do livro e da leitura em nossa sociedade

Essa crise relatada por Silva (op cit) ainda permanece nos dias de hoje, se percebe seu reflexo em nossa sociedade atual, portanto, se a leitura serve de propósitos de formação e do saber do sujeito, certamente que a aproximação dos livros, da informação e da leitura é que deve ser democratizada para que o conhecimento, através da informação, seja realmente para todos um direito.

O acesso à leitura, à informação e ao conhecimento colocaria em evidência as diferenças e as desigualdades sociais, com isso estaria ameaçada a ordem estabelecida, então a idéia da leitura como experiência de formação e de transformação do sujeito desde muito cedo esteve ameaçada .

A leitura sofreu muitas modificações, era norma se ler em voz alta desde os primórdios da palavra escrita, era indispensável para a compreensão do significado, e foi durante a Idade Média que a habilidade de ler em silêncio foi conquistada pelos leitores ocidentais, a princípio restrita aos escribas monásticos e os livros eram objetos de luxo, a que poucos tinham acesso.

Os copistas freqüentemente alteravam o texto, ou por erro ou por intervenção consciente, de modo que cópias do mesmo texto raramente eram idênticas; além disso, ao possuidor ou ao leitor do manuscrito eram oferecidos espaços em branco, deixados com a finalidade da possibilidade de intervir no texto, acrescentando títulos, notas, observações pessoais. Durante os séculos XII e XIII, a leitura em

silêncio chegou ao mundo das escolas e das Academias e, dois séculos mais tarde, atinge as aristocracias leigas. (CHARTIER, 1991).

Essa leitura permitiu um relacionamento com a escrita, que era livre, mais íntima, e reservada, resultando numa leitura mais rápida, e em maior quantidade, possibilitando também leituras mais complexas e especializadas capazes de manter relações entre o discurso e suas interpretações.

Com a invenção da imprensa por Gutenberg possibilitou-se a reprodução de textos e de cópias idênticas. As tecnologias de impressão registram a propriedade sobre a obra, expressada pela figura do autor, que não era identificada, anteriormente, nos livros manuscritos. Permitiu-se, dessa forma, a diminuição do tempo para se ter acesso à leitura e do custo de impressão, transformando as condições de transmissão e recepção dos livros. Cada livro tem a capacidade de atingir mais e mais leitores.(MARTINS,2002, p.175).

Durante a era da impressão, mas antes da industrialização da produção do livro, por volta do Século XVIII, verificou-se o crescimento na sua produção.

A multiplicação e diversidade de jornais, o aparecimento do livro de bolso, o surgimento de instituições destinadas para exercício do ato de ler, como bibliotecas de empréstimo e clubes do livro, instituições que possibilitam consultar livros e periódicos sem, necessariamente, ter que adquiri-los, são mudanças que possibilitaram o aumento nos gêneros e na nova pratica de leitura. (MANGUEL, 1997).

Os leitores tradicionais tinham acesso a um conjunto de livros restrito e limitado, que eram lidos e relidos, memorizados e recitados, transmitidos de geração a geração. Esse estilo de leitura desenvolveu-se por meio da relação religiosa com textos sagrados impregnados de autoritarismo.

Os novos leitores devoravam um grande número de impressos avulsos e descartáveis, liam rápida e avidamente, submetendo o lido a julgamento crítico.

Durante a Renascença, os humanistas praticavam um tipo de leitura, que consistia em copiar citações e observações feitas ou coletadas sob uma série de tópicos, que permitiam o reaproveitamento das informações e exemplos acumulados para produção de novos textos. Em uma nova prática os leitores eram tomados pelos textos que liam; viviam o texto, identificavam-se com os personagens e com a

trama. A sensibilidade estava presente nessa nova forma de leitura. (MARTINS, 2002, p.199).

Os leitores mais populares foram direcionados durante um longo tempo pelos modos antigos, pelo menos até meados do século XIX, quando o desenvolvimento de escolas, o aumento das taxas de alfabetização e a diversificação da produção impressa permitiram novas práticas.

No mundo contemporâneo, a publicação por meio de transmissão eletrônica de textos marca a maior revolução nos espaços de leitura, escrita e na história do livro. Nota-se uma grande mudança e, talvez, a maior transformação e desafio enfrentado pelo homem no mundo dos impressos, veículos de informação e construção do conhecimento. As possibilidades que as novas tecnologias proporcionam são inúmeras, o sujeito será o maior responsável pelo seu desenvolvimento, executado com equilíbrio e sabedoria para preservar a identidade, a diversidade, a memória e a cultura .

> Tal mudança no suporte físico da escrita força o leitor a ter novas atitudes e aprender novas práticas intelectuais. A passagem dos textos do livro impresso para a tela do computador é uma mudança tão grande quanto a passagem do rolo para o códex durante os primeiros séculos da Era Cristã. Isso desafia a ordem dos livros familiares aos leitores e dita novos caminhos de leitura que superam as limitações tradicionais impostas pelos objetos impressos. (CHARTIER, 1999, p.28).

Estamos diante da mudança de paradigma do formato em que se apresentam o livro, leitura, leitor e biblioteca, que a tecnologia eletrônica nos oferece: um novo tipo de livro, uma nova biblioteca e, conseqüentemente, novas formas de leitura que se apresentam. Estamos num período de intensas mutações, da introdução das novas tecnologias de comunicação e informação. A literatura científica tem atribuído benefícios à Internet e tem acentuado o fato da possibilidade de acesso e disseminação de novos conhecimentos e cada um de nós se torna, a um só tempo, autor e receptor sem limite no espaço e no tempo.

É o início da democratização do acesso à informação para a promoção do conhecimento, é o tradicional perdendo suas características originais a cada instante, em uma velocidade exponencial cujo limite ainda é incompreendido. O nosso papel de agente está sendo revisto e reconstruído para a nova missão no mundo digital em evolução.

2.2 A Biblioteca Universitária

Hoje, a Biblioteca é vista e considerada como organização de um sistema de informação com objetivos bem definidos; que são os de prestação de serviços de informação e de atendimento ao usuário que busca conhecimentos. A sua finalidade continua sendo o desenvolvimento da sociedade e da qualidade de vida de seus membros.

Ao pensar na Biblioteca nos vem, inicialmente, a idéia de coleção de livros como hoje ela, ainda, é vista. No entanto, segundo Martins (2002, p.71), as Bibliotecas são anteriores aos livros e até mesmo aos pergaminhos.

As Bibliotecas mais antigas registradas pela história, segundo Carvalho (1994, p.15), nasceram no Oriente quando ainda eram as coleções hititas e assírio-babilônicas cuja escrita era gravada em tijolinhos de barro de caracteres cuneiformes, datando, os mais conhecidos, de pelo menos 4 mil anos; e, posteriormente, com a cultura egípcia pouca coisa chegou até os dias de hoje, uma vez que os seus escritos eram em rolos de papiro, material frágil e pouco resistente. Com a invenção do pergaminho e sua difusão, chegou-nos o legado dessa civilização, o manuscrito enrolado se mantém por volta de até ao ano 300.

Ainda na perspectiva de Martins (2002), os grandes filósofos e teatrólogos da antiguidade grega foram os que mais batalharam pela guarda e conservação de seus escritos, deixando grandes e valiosas coleções para a humanidade. Um deles, Aristóteles, um dos maiores pensadores da humanidade, teve sua coleção dividida entre as bibliotecas de Alexandria[3] e de Pérgamo[4], os dois mais importantes centros da cultura grega. Com a invasão dos exércitos romanos, e a conquista militar do mundo grego, essas bibliotecas foram incendiadas e espoliado o que delas restou .

A Grécia, vencida pelas armas, venceu Roma pela cultura. E Roma se tornou uma cidade culta. Surgiu, com Júlio César (101-44 a C), a idéia da fundação de uma biblioteca pública. César confiou a sua idéia a Terencius Varronius que, morrendo cedo, a transmitiu a Asinius Polianus, que assumiu e realizou o projeto. Com a fusão

[3] A Biblioteca de Alexandria foi fundada pelo primeiro governante grego do Egito, Ptolomeu I. Com o acervo de Aristóteles, chegou a contar 400 mil volumes .

[4] A Biblioteca de Pérgamo, de onde surgiu a palavra pergaminho, chegou a ter 700 mil volumes. o seu declínio começou quando o imperador Marco Antônio, por motivos nada intelectuais, a deu de presente a sua amante Cleópatra , rainha do Egito.

das duas culturas, grega e latina, as bibliotecas ganharam impulso. Porém, não durou muito, com a queda do império romano e a barbarização das cidades, o povo perdeu o acesso à leitura e o cuidado com os escritos.

Com a disseminação do Cristianismo, os mosteiros e conventos foram locais de abrigo das bibliotecas, dos escritores, dos copistas e dos guardiões de local. Cada Mosteiro passou a ser um centro de cultura, cada um com sua biblioteca e os monges entusiasmados se dedicaram à escrita, à cópia, à guarda e à conservação dos livros.

As bibliotecas começaram a sair dos mosteiros por volta do século XIII, com o nascimento das cidades e das universidades na Europa surgindo, então, nos ambientes universitários.

As universidades que, na sua maior parte, ainda pertenciam à Igreja e aos seus monges, aos poucos foram assumindo a sua independência e organizando suas próprias bibliotecas.

A partir de século XV, com a invenção da imprensa, começam a surgir os livros com formatos modernos, isto é, com a folha dobrada. E o livro foi-se tornando um objeto prático, com produção mais fácil, fazendo com que a biblioteca se desenvolvesse com novos critérios e mais rápida. Entre as maiores e mais famosas bibliotecas da Europa , surgidas entre os séculos XV e XVIII, podemos citar a Vaticana, fundada pelo papa Nicolau V, em 1455, a Colombina, de Sevilha, fundada em 1551 por um filho de Cristóvão Colombo, e a Ambrosiana, já 1609, iniciada pelo cardeal Frederico Borromeu, de Milão, onde permanece guardado um manuscrito de Virgílio, anotado por Petrarca.

A Idade Média conheceu três espécies de bibliotecas, as monacais, as de universidades e as particulares.

As monacais situavam-se no interior dos conventos, lugares dificilmente acessíveis ao leitor comum, com a missão de preservar os manuscritos de papiros ou pergaminhos; eram acessíveis apenas ao clero e à realeza.

As particulares eram as mantidas por imperadores e grandes senhores e, posteriormente, transformadas em bibliotecas oficiais.

A biblioteca universitária é a que serve às instituições de ensino superior, destinada ao acesso de professores e alunos e, também, ao público em geral.

Podemos dizer que o grande acontecimento medieval foi o surgimento das Universidades, decidindo-se em grande parte, o destino da civilização.

Essa época também ficou marcada pelas bibliotecas laicizadas, destacando-se a Universidade de Oxford, chamada “Bodleina”. Seu fundador, Richard de Bury, bispo de Durham e grande chanceler da Inglaterra, em 1334, doou-lhe todos os seus livros. Em 1440, Humphrey, duque de Gloucester, legou-lhe 600 volumes; 1597. Aumentada e enriquecida por Thomas Bodley tomou-lhe o nome. (MARTINS, 2002, p.89).

No decorrer do século XV, as bibliotecas universitárias da Idade Média têm o seu grande desenvolvimento, as riquezas materiais das universidades aumentam quando se refere aos prédios para as aulas e para as bibliotecas. No fim do século XV, todas as universidades possuem edifícios próprios para as faculdades. A biblioteca universitária passa a ser uma realidade.

No início da Renascença a biblioteca começa adquirir o seu sentido moderno e o livro adquire significado social de utilidade ao alcance de todos. É também nessa época que surge a figura do bibliotecário relacionada ao livro:

> Só na aurora da Renascença começa a se delinear, na área do público, a diferenciar-se dos outros tipos genéricos da vida o pontão do bibliotecário. Que casualidade! É precisamente o momento em que também pela primeira vez o livro , no sentido mais estrito - não os livros religiosos, nem o livro legal , mas o livro redigido por um escritor, o livro, portanto, que não pretende ser senão livro e não revelação nem Código - é precisamente nesse momento que, pela primeira vez, o livro é sentido socialmente como necessidade (ORTEGA Y GASSET,1965).

Na trajetória da historia do bibliotecário aparece, da Renascença até início do século XIX, na figura do bibliotecário, aquele profissional contratado, sem formação especializada, quase sempre um erudito, ou um escritor a quem se oferecia oportunidade de realizar seu trabalho com tranqüilidade. A partir do início do século XIX, o Estado reconhece o bibliotecário como representante de uma profissão socialmente indispensável.

Na América Latina ainda é mais tardio, somente em 1912 é que Ezequiel Chávez inicia, no México, os cursos de biblioteconomia que constituem o reconhecimento definitivo das novas necessidades. (MARTINS, 2002).

Nada mudou mais a biblioteca do que a informática, exigindo assim mudanças no perfil do bibliotecário. Exigindo um domínio das ferramentas da informática e uma visão mais aberta do conceito de biblioteca. Hoje, esse profissional não lida somente com um acervo fisicamente disponível em sua biblioteca, mas com um universo muito mais amplo de informações.

2.3 Biblioteca e a Universidade no Brasil

No Brasil, como em todo o Ocidente, na Era Cristã, as bibliotecas começaram pelas casas religiosas. Os primeiros religiosos se dedicaram, antes de tudo, ao apostolado junto aos silvícolas, depois junto aos negros, sem nunca deixarem o serviço religioso junto aos portugueses. Com o nascimento e crescimento das cidades é que se iniciou a construir igrejas maiores, conventos e a colecionar livros. Onde nasceu um convento nasceu também uma biblioteca.

O documento mais antigo que fala de biblioteca no Brasil data de 25 de agosto de 1703, proibindo que se emprestassem os livros da “livraria” dos padres oratorianos do Recife.

A partir do século XIX, com o desenvolvimento das escolas é que se formaram outros tipos de biblioteca. É assim que temos hoje bibliotecas escolares, para todos os graus de escolaridade, como a biblioteca infantil, biblioteca escolar e a biblioteca universitária.

A universidade é uma instituição de ensino superior que compreende o conjunto de unidades de ensino, como as faculdades e os cursos, com o objetivo de formação de profissionais e pesquisadores nas áreas de conhecimento humano para a produção deste.

Segundo Ferreira (1980), a partir da década de 50, passou-se a analisar os objetivos da universidade, seus métodos e processos, pois sentia-se uma grande

defasagem entre o estágio de desenvolvimento que o País alcançara e a universidade tradicional e conservadora.

Foram consideráveis as inovações no meio universitário com a criação, em 1961, da Universidade de Brasília, não somente pela estrutura física mas também pelo próprio sistema acadêmico. Segundo Lacerda (1973, p.1), "a partir do início dos anos 60, começou a ser questionada mais vivamente, no Brasil, a organização e o funcionamento do ensino superior, marcado basicamente pela consolidação de idéias bastante inovadoras, para o momento, em uma universidade a UnB".

E foi esse clima que propiciou a Reforma Universitária de 1968 e, Dias (1967, p.47), estudando trabalhos sobre a reforma universitária no Brasil, conclui que:

> Toda a mecânica do processo de desenvolvimento repousa, fundamentalmente, no vínculo que une o processo técnico, a pesquisa cientifica e o ensino universitário. A formação de homens e a informação dos técnicos influem na modernização industrial como conseqüência da dedicação à pesquisa, concentração industrial e graduação universitária.

A biblioteca universitária no Brasil tem, na sua trajetória, o reflexo da história da educação brasileira. Um fato marcante foi a sua omissão na reforma universitária de 68, dando evidências da pouca importância da biblioteca no processo educativo brasileiro.

Segundo Dias (op cit)

> No Brasil, portanto, que se encontra no primeiro estágio do seu processo industrial, uma reforma universitária seria inútil e incompreensível se destituída de uma infra-estrutura que possibilite o acesso à informação técnica e científica. Assume, assim, importância excepcional o papel a ser desempenhado pelas bibliotecas universitárias, no contexto de uma reformulação política do ensino superior em nosso País, em estreita conexão com todo o campo científico e tecnológico.

Assim como a Universidade deve estar voltada para as necessidades educacionais culturais, científicas e tecnológicas do País, as bibliotecas são imprescindíveis para se atinjam esses objetivos.

> A biblioteca, de um modo geral, precisa funcionar "... como uma fonte dinâmica de cultura, que deve atender às várias e amplas necessidades de seus freqüentadores, sejam eles crianças ou adultos, estudantes ou pesquisadores". É este também o conceito de escola renovada, em que não é mais o professor, como na escola antiga, o único instrumento para transmitir conhecimentos – e sim em que o ensino se fundamenta na auto-atividade do aluno , provocado em sua natural curiosidade, motivado por sua experiência pessoal, levado agradavelmente a procurar – e a encontrar

> – por si mesmo, o mundo maravilhoso da cultura. (CARVALHO, 1972, p.198)

A biblioteca é um dos instrumentos essenciais ao processo ensino /aprendizagem. Não se pode conceber ensino-aprendizagem sem bibliotecas que , além de possibilitarem acesso à informação , têm papel relevante na medida em que favorecem o desenvolvimento de potencialidades, capacitando pessoas, desenvolvendo alicerces para formarem suas próprias idéias e tomarem suas próprias decisões.

Hoje, é inegável a acelerada expansão tecnológica brasileira e a lentidão do processo educacional que, comparando-se a realidade brasileira com uma experiência internacional similar, confirma-se o fraco desempenho do sistema educacional.

A Biblioteca é a “alma” da Escola, com sua porta aberta para o mundo, é instrumento e laboratório disponível para todos os aprendizes, seja no papel daquele que ensina ou daquele que aprende.

2.4 A Biblioteca Universitária e a Inclusão

A reflexão que me proponho fazer, neste momento, é identificar desafios que permeiam a ação da biblioteca – um centro polarizador de informações - a informação e o deficiente visual. A biblioteca como elemento mediatizador entre o portador de deficiência visual e a informação. Hoje, mais do que nunca, a informação está impregnada em todas as ações e atividades dos seres humanos.

A biblioteca universitária é um espaço de aquisição de informação que muito contribui para a formação e aprendizagem das pessoas. A disseminação do conhecimento e a necessidade, quase que vital, da informação para as pessoas nos levam a refletir sobre a importância da acessibilidade à biblioteca para o desenvolvimento da aprendizagem, em especial, para o usuário cego. O espaço e o seu produto, quando inacessíveis ou de difícil acesso, podem acabar com sonhos, ferir direitos, se tornarem discriminatórios e configurar a exclusão do homem para aquilo a que se propõe. É um espaço ao qual se deve ter acesso, ingresso e

permanência com qualidade, independente de raça, cor, religião, idade, país, classe social, portar alguma necessidade especial.

Segundo Torres e Mazzoni (2004, p.152) observar a acessibilidade de um produto consiste em considerar a diversidade de seus possíveis usuários e as peculiaridades da interação dessas pessoas com o produto, o que pode se manifestar nas preferências do usuário (exemplo: o que prefere ler a ouvir).

Para todas as pessoas, ter o acesso à informação é parte indissociável da educação, do trabalho e do lazer, e isso, naturalmente, também se aplica às pessoas portadoras de deficiência. (MAZZONI *et al*, 2001,p.29).

Nesse contexto, para entendermos a acessibilidade a uma Biblioteca Universitária, devemos olhá-la em vários aspectos, para que os recursos de acessibilidade possam ser criados e desenvolvidos no espaço físico, acervo, mobiliário, informática e pessoal. Deve ser "espaço" para todos.

E ao ser para todos, demanda-se conhecer sobre as especificidades de aluno DV, buscando uma eqüidade de oportunidades acadêmicas.

> A cegueira (ou, no caso mais geral, a deficiência visual grave) era tida como um castigo de Deus ou um peso para sociedade e, assim, o indivíduo era em geral marginalizado ou morto. Por exemplo, ainda hoje, na sociedade indígena brasileira, quando nasce uma criança cega (deficiente em geral), é deixada, recém-nascida, para ser comida pelos animais na floresta. Em muitos casos, quando a cegueira não é congênita, mas adquirida por um acidente ou velhice, a sociedade, ainda hoje, isola o individuo sob as mais variadas formas, desde a sua transformação em mendigo, no caso de famílias pobres, até a reclusão permanente em casa, no caso de famílias ricas (BORGES, 2003, p.219).

As condições de vida melhoraram para o deficiente visual, em vários aspectos, principalmente com a informatização e com o avanço no desenvolvimento da política nacional de educação especial e políticas públicas para sua inserção na sociedade. Entretanto, entendemos que seja necessária maior conscientização das pessoas para modificar, assim, suas ações, com atitudes de responsabilidade na implementação e efetivação dessas políticas públicas.

> A lei nº 7.853, de 24 de outubro de 1989, refere-se à política nacional para integração da pessoa portadora de deficiência que "dispõe sobre o apoio às pessoas portadoras de deficiência, sua integração social, sobre a Coordenadoria Nacional para integração da Pessoa Portadora de Deficiência - CORDE, institui a tutela jurisdicional de interesses coletivos ou difusos dessas pessoas, disciplina a atuação do Ministério Publico, define crimes ,e dá outras providencias" (BRASIL,1989).

Após dez anos de edição, essa Lei é regulamentada pelo Decreto nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999, e os artigos e incisos abaixo dizem:

Art. 3º Para os efeitos deste Decreto, considera-se:

> I - deficiência – toda perda ou anormalidade de uma estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica que gere incapacidade para o desempenho de atividade, dentro do padrão considerado normal para o ser humano;
>
> III - deficiência visual – acuidade visual igual ou menor que 20/200 no melhor olho, após a melhor correção, ou campo visual inferior a 20º (tabela de Snellen), ou ocorrência simultânea de ambas as situações;
>
> Art. 7° São objetivos da Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência:
>
> I - o acesso, o ingresso e a permanência da pessoa portadora de deficiência em todos os serviços oferecidos à comunidade (BRASIL, 1999)

A lei nº 10.753, de 30/10/2003, referente à Política Nacional do Livro, mediante as seguintes diretrizes, diz o seguinte:

> Artigo 1, parágrafo 1º - assegurar ao cidadão o pleno exercício do direito de acesso e uso do livro;
>
> Art. 2º Considera-se livro, para efeitos desta Lei, a publicação de textos escritos em fichas ou folhas, não periódica, grampeada, colada ou costurada, em volume cartonado, encadernado ou em brochura, em capas avulsas, em qualquer formato e acabamento.
>
> Parágrafo único. São equiparados a livro
>
> VII - livros em meio digital, magnético e ótico, para uso exclusivo de pessoas com deficiência visual;
>
> VIII - livros impressos no Sistema Braille. (BRASIL, 2003).

Segundo Vizim (2003), exige-se um movimento coletivo alicerçado em uma política pública de educação inclusiva, que amplie o debate e a reflexão para todos os setores sociais e estabeleça ações contínuas e sistemáticas para garantir não somente o acesso de pessoas com deficiência à escola, mas também sua permanência com qualidade social de conhecimento.

Torna-se indispensável, pois, analisar os acervos das bibliotecas universitárias brasileiras que, para atender acadêmicos portadores de necessidades especiais, há muito o que se fazer. Basta navegar pelos catálogos virtuais das bibliotecas nacionais, disponíveis na Internet, possuidoras de respeitável acervo, porém somente para os videntes.

> No Brasil, praticamente, inexiste biblioteca universitária que incorpore ao seu planejamento garantias de acesso pleno a deficientes físicos, prevalecendo barreiras arquitetônicas em suas instalações. Seu conjunto de recursos informacionais, representado através de itens componentes de seus acervos, também é projetado visando ao atendimento daquela comunidade de usuários julgada fisicamente "normal", resultando daí a acessibilidade parcial e, na maioria das vezes, inacessibilidade total à informação disponibilizada pela biblioteca, devido aos suportes utilizados para seu registro ou pela inexistência de tecnologias alternativas especialmente desenvolvidas para propiciar a utilização por usuários deficientes visuais. (SILVEIRA, 2000, p.2).

Coaduna-se com esse posicionamento as afirmações de Masini (1993, p.75): “os portadores de deficiência visual, para realizar estudos na universidade, contam apenas com os próprios esforços e de seus familiares” .

Mazzoni, Torres e Andrade (2001, p.124) afirmam que:

> Os estudantes com deficiência visual consideram que estão estudando em condições desvantajosas, pois seus professores utilizam variedade de textos e estes não lhes estão disponíveis para leitura da maneira adequada (digital ou em Braile) no mesmo intervalo de tempo em que ficam disponíveis para os outros alunos. Outra desvantagem que assinalaram é a inexistência de livros em braile na Biblioteca da Universidade.

Existe a necessidade de criar condições e meios para que o aluno com deficiência visual possa ter acesso à informação da mesma forma como os demais e não privá-lo do uso de sua inteligência e vontades. A biblioteca como mediador entre o aluno com deficiência visual e a palavra escrita exerce um papel fundamental.

Segundo Berlamino (2004), “*a problemática do acesso à informação por parte dos usuários cegos ainda é um desafio praticamente intocado no círculo das bibliotecas universitárias, assim como na maior parte dos serviços responsáveis pela produção e distribuição dessa informação”.*

A questão do acesso à informação por parte dos DV ficou mais evidente, principalmente com a disseminação da tecnologia na vida dos deficientes visuais com os softwares leitores de tela e a Internet. A tecnologia possibilitou aos

deficientes relatos de experiências e, conseqüentemente, uma aproximação maior entre as pessoas independentemente de terem ou não alguma deficiência. Segundo pesquisa de Pupo e Vicentini (1998, p.8), os deficientes estão comunicando-se, relatando experiências, consultando documentos relevantes, exercitando a cidadania na medida em que tomam posse de mais informações.

> A reflexão sobre o dever institucional de contribuir para a acessibilidade dos usuários de bibliotecas universitárias, portanto necessidade especial, ganha uma conotação peculiar, apontando para a satisfação de suas necessidades de informação que poderão ser alcançadas – com apoio de infra-estrutura, como também de adaptações arquitetônicas. Se temos a capacidade de alterar a história, devemos persistir nos esforços de realizar mudanças: a satisfação das necessidades de saúde e autonomia a um maior número possível de pessoas – no caso as Pessoas Portadoras de Deficiência - para quem as escolhas, em máxima medida, são negadas. (PUPO; VICENTINI, 1998, p.7).

O acesso à informática pelos deficientes visuais tem contribuído de maneira substancial para a sua independência, autonomia e não exclusão do mundo digital e social. Torna-se cada vez mais evidente a importância de o DV ter acesso à informação.

Segundo Lemos (2000, p.13), a educação de cegos no Brasil teve início em 1854, com a criação do Imperial Instituto dos Meninos Cegos (hoje , Fundação do Instituto Benjamin Constant) , no mesmo ano em que o Braille foi oficializado na França.

Em 1939, foi criada em Belo Horizonte a primeira biblioteca de livros braille, Biblioteca Louis Braille, iniciativa particular, com livros produzidos por voluntários, livros não didáticos.

Bueno (1993, p.88) relata que surgiram três entidades com relação aos deficientes visuais: a União de Cegos do Brasil, no Rio de Janeiro, em 1924, o Instituto Padre Chico, em São Paulo e o Sodalício da Sacra Família, no Rio de Janeiro,1929.

Além desses Institutos, destaca-se a criação da Fundação para o Livro do Cego no Brasil, (hoje, Fundação Dorina Nowill para Cegos) em São Paulo, criada em 1946. Exerce grande influência no Brasil, não só pela produção do livro em Braille

como também na participação da política de atendimento ao deficiente visual no Brasil.

No contexto brasileiro, diversos são os espaços que se dedicam à deficiência visual e a sua relação com a informação. No Anexo 3 encontra-se uma lista de instituições que assumem como objeto de trabalho, intervenção e estudo as interfaces DV e leitura.

No tocante às bibliotecas universitárias brasileiras, segundo pesquisa de Gonzalez (2002, p.91), verificou-se pequena quantidade de serviços prestados pelas bibliotecas brasileiras, que na sua maioria – restringem seus serviços para deficientes visuais criando apenas acervos em braile.

Esse panorama não é o mesmo em todo o mundo.

> As universidades de países do Primeiro Mundo dispõem de diferentes recursos para uso de seus estudantes deficientes visuais, tais como: gravação de livros, livros computadorizados para cegos, livros e manuais em disquetes para impressão em braile, disquetes com tipos ampliados para os que não podem ler o tipo de imprensa de tamanho standard. Contam também com serviços de voluntários que atendem aos portadores de deficiência como ledores voluntários. (MASINI, 1993, p.75).

Na Espanha, La ONCE [5]- Fundación Once para la Cooperación e Integración Social de las Personas com Discapacidad, fundada em 1938 com a missão de melhorar a qualidade de vida dos cegos e deficientes visuais da Espanha. É uma instituição de caráter social e solidária com pessoas com deficiência visual. Também há o compromisso da ONCE com os cegos do resto do mundo, participando ativamente em todos os foros internacionais

Na Biblioteca Central da ONCE os livros transcritos para o braile e livros gravados em áudio são colocados à disposição dos usuários por meio de uma rede de biblioteca da Once, através dela os estudantes universitários buscam por leitura.

O acervo dessa biblioteca envolve 11.324 obras em braile - 1.742 em suporte magnético - 20.435 obras em áudio, 3.619 partituras musicais em braile, assim como 30.463 obras em tinta (dados de 31 de dezembro de 2001). Oferece, também,

[5] Fonte: http://www.once.es/

serviço de empréstimo a domicílio que pode ser feito por telefone, correio eletrônico e carta, através do Serviço Bibliográfico ONCE em Madri.

Em Portugal, tem-se a Biblioteca Nacional de Portugal.[6] criada em 29 de fevereiro de 1796, com o nome de Real Biblioteca Pública da Corte.

Essa biblioteca possui a Área de Leitura Especial (ALE) destinada aos usuários com deficiência visual. A ALE é intermediária entre os usuários e outras bibliotecas portuguesas e estrangeiras, reproduzindo para Braille os livros em tinta e produz livros sonoros. A produção é própria feita através de compra de serviço de ledores e também de ledores voluntários. A Biblioteca Nacional e a ALE editam a Revista Ponto e Som, desde 1974, em Braille é enviada gratuitamente a todos os interessados em recebê-la.

A National Library of the Blind[7] (NLB), sediada na Inglaterra, iniciou suas atividades em 1882. Hoje em dia a NLB tem a maior coleção da Europa em Braille, com 300 mil volumes no acervo. Os livros são enviados por correio gratuitamente para mais de 5 mil membros em todo o mundo, além de proporcionar serviço eletrônico de biblioteca para pessoas com Deficiência Visual. Entre outros serviços, a NLB abrange uma grande biblioteca impressa para crianças e jovens, e uma grande coleção de partitura de música em Braille.

O site dessa biblioteca também oferece uma gama de inovação em serviços on-line incluindo livros eletrônicos e material de referência como se fosse uma passagem para informações a pessoas com deficiência visual e links com acessibilidade. A NLB tem a visão de que a o acesso à biblioteca para pessoas com deficiência visual tem que ser igual ao dos videntes, assumindo como missão ser um centro de informações e serviços de biblioteca para DV na Inglaterra. Com um acervo que compreende um Catálogo on-line com 32 mil títulos em Braille, 14 mil títulos de partitura de música em Braille e Fórum on-line, a NLB é uma instituição que depende de doações de voluntários .

Nos Estados Unidos da América tem-se a Library of Congress[8] (LC), fundada em 1931 e que desenvolve o serviço da Biblioteca Nacional para Cegos e pessoas com deficiência, administrando um programa gratuito de empréstimos de livros

[6]Fonte: http://www.bn.pt/servicos-ao-publico/sala-leitura-especial.html
[7] Fonte: http://www.nlb-online.org/
[8] Fonte: http://www.nlb-online.org/

gravados, em Braille, revistas, partituras de músicas em Braile, e oferece equipamento de playback preparado especialmente para moradores dos EUA para utilização de leitura de material impresso.

Os serviços da biblioteca da LC administram um programa nacional de serviços para pessoas e Instituições de cooperação entre bibliotecas em vários estados, incluindo pequenas cidades. Além dos serviços de livros e revistas em Braille , desenvolve o serviço de livros falados em CD-Rom e cassete, possui equipamentos de leitura, também oferece a Web–Braille.

The Canadian National Institute for the Blind - CNIB Library for the Blind[9], instituição canadense, é uma biblioteca para cegos, fundada em 1906, oferecendo serviços de informação para 100 mil canadenses com deficiência visual. A biblioteca da CNIB, está entre as maiores produtoras de material acessível aos cegos.

A CNIB existe para ajudar a ultrapassar as barreiras de acesso à informação, transformando em Braille ou Áudio os quase 97% de material publicado no Canadá que não tenham nenhum tipo de formato acessível para DV. A biblioteca da CNIB tem aproximadamente, 60 mil títulos na sua coleção e mais 300 mil títulos de livros falados.

Os serviços da biblioteca da CNIB incluem livros falados, livros eletrônicos, livros em Braille, livros infantis em Braille, partitura de música em Braille, vídeos com descrição e diagramas táteis. Para os usuários da biblioteca são oferecidos as informações solicitadas em diferentes formatos, como os serviços de catálogo on-line, livros eletrônicos, web acessível, base de dados eletrônica como a Enciclopédia Eletrônica Britânica, Dicionário de inglês e jornais e revistas disponíveis por telefone. A biblioteca da CNIB é membro internacional do programa DAISY (Digital Audio-based Information SYstem).

Na Austrália conta-se com a University of South Australia Library[10] (UniSA), a qual tem como meta prover os serviços acessíveis para seus usuários com deficiência Visual. Disponibilizando salas equipadas com tecnologia adaptada nas bibliotecas públicas para que as mesmas possam ter acesso on-line ao acervo das

[9] Fonte: http://www.cnib.ca/library/
[10] Fonte: http://www.library.unisa.edu.au/services/studentsupport/libdisab.asp

Universidades. A biblioteca disponibiliza serviço de adaptação de informação quando não está em meio acessível, interpretando figuras e pequenas imagens.

O Flexible Information Service (FIS) provê suporte e assistência aos estudantes que não podem se dirigir à Biblioteca, sendo essas pessoas cadastradas, fornecendo serviços de auxílio ao catálogo e de pesquisa com entrega.

Na Argentina, a TIFLOLIBROS[11] foi criada em 1999 por um grupo de cegos, usuários de Internet com o objetivo de formar uma biblioteca de textos em meio magnético. Para tanto, foi criada uma lista de correio eletrônico que possibilitou trocar informações acerca de livros digitais que cada um possuía. A TIFLOLIBROS possui cerca de 8 mil títulos de livros em formato digital para uso exclusivo de pessoas com deficiência visual, sendo seu acesso permitido para pessoas cadastradas no grupo que recebem autorização e senha para acessar o acervo digital.

Nesse sentido, reforça-se, em todo o mundo, a necessidade da inclusão das pessoas com deficiência visual na informação que necessita.

Segundo Masini (1993, p.75) a existência de recursos nas universidades do primeiro mundo começam, muito timidamente, a ser introduzidos em raríssimas Universidades brasileiras. É concentrando esforços para a melhoria de atendimento e sucesso do acadêmico deficiente visual, que serão superados os desafios de romper barreiras dos estigmas do preconceito e obter resultado de forma justa.

> Cada pessoa - criança, jovem ou adulto - deve estar em condições de aproveitar as oportunidades educativas voltadas para satisfazer suas necessidades básicas de aprendizagem. Essas necessidades compreendem tanto os instrumentos essenciais para a aprendizagem (como a leitura e a escrita, a expressão oral, o cálculo, a solução de problemas), quanto os conteúdos básicos da aprendizagem (como conhecimentos, habilidades, valores e atitudes), necessários para que os seres humanos possam sobreviver, desenvolver plenamente suas potencialidades, viver e trabalhar com dignidade, participar plenamente do desenvolvimento, melhorar a qualidade de vida, tomar decisões fundamentadas e continuar aprendendo. A amplitude das necessidades básicas de aprendizagem e a maneira de satisfazê-las variam segundo cada país e cada cultura, e,

[11] Fonte: http://www.tiflolibros.com.ar/biblioteca/

> inevitavelmente, mudam com o decorrer do tempo. Artigo I – Declaração Mundial sobre educação para todos.

O compromisso e a necessidade de Educação para Todos também são reconhecidos e a sua importância parece registrada na Declaração de Salamanca de 1994 , quando proclama que “toda criança tem direito fundamental à educação, e lhe deve ser dada a oportunidade de atingir e manter o nível adequado de aprendizagem”.

Essas novas perspectivas expressas na Declaração Mundial Sobre a Educação Para Todos , também conhecida como Declaração de Jomtien (1990), e na Declaração de Salamanca (1994), que apresenta a Estrutura de Ação em Educação Especial, proclamando a importância de uma educação inclusiva, entendendo que as escolas devem buscar formas e meios de educar os portadores de necessidades especiais no sentido de modificar atividades discriminatórias, de criar comunidades acolhedoras e de desenvolver uma sociedade inclusiva, entretanto proporcionar o espaço da Biblioteca com possibilidades do deficiente visual “Ler” é contribuir com a sua aprendizagem e sua formação. Ler é uma estratégia para o aluno aprender, é um facilitador para sua aprendizagem, portanto é com responsabilidade que devemos exercer o papel de mediador no seu processo de ensino e aprendizagem.

Superar as barreiras é descobrir meios para que o espaço Biblioteca seja de não exclusão de qualquer tipo de usuário. Para isso, é mister promover integração entre a Universidade e sua Biblioteca, permitindo a esta que participe ativamente da vida daquela – no desencadear e no fazer mudanças; no desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem de qualidade; na prestação de serviços, sem qualquer discriminação quanto ao acesso, ingresso e permanência de seus usuários.

Nesse contexto, o acadêmico deficiente visual muitas vezes não tem acesso à informação bibliográfica do curso que escolheu na universidade, porque os livros, revistas, jornais, que o atendem em sua necessidade específica não estão em formato acessível para que possa estudar; o acervo das bibliotecas normalmente atendem o aluno vidente e não o cego. É a falta de informação em linguagem acessível.

Em função disso, é preciso adaptar a informação do livro para o meio digital, Braille ou livro falado para torná-lo acessível ao acadêmico deficiente visual, isso até que o livro acessível para esse público seja uma realidade no Brasil. Segundo Almeida, (2000, p.88), o bibliotecário tem um papel importante, pois é dele, também, que depende a inclusão ou a exclusão dos indivíduos portadores de necessidades especiais em sua Unidade de Informação, portanto é responsabilidade desse profissional fazer as adequações.

É uma sinalização para a importância de diminuir as desigualdades relacionadas à aquisição/acesso à informação para o exercício da cidadania e promoção da dignidade. A conscientização coletiva do verdadeiro significado das palavras responsabilidade, valor, práticas, paradigmas e concepções de educação, é caminho de entendimento para o sucesso do processo inclusão.

2.4.1 A Formação para espaços de inclusão

Estamos percebendo que está havendo uma mudança na estrutura mundial, fazendo emergir aspectos relacionados à vida humana, profissional, moral, e acima de tudo, éticos.

É um retorno a nossas raízes, é o encontro e o perceber de nós mesmos na busca de um viver mais igualitário. Hoje tomamos consciência de um momento clamando por mudança, carente por uma atitude, para que uma situação seja revisitada, avaliada e então modificada, rompendo assim com o estagnado buscando articulação no processo de interação entre as áreas do saber e respeitando-as.

Portanto, para se falar de formação é necessário também falar de mudança.

> A mudança é o motor da transformação do homem: ao tomar consciência de sua situação na sociedade e no tempo, descobre exigências fundamentais de sua existência e, ao obedecer, conformar-se ou submeter-se, acaba por negar o seu direito à escolha, ao exercício da vontade própria. Mudar não é deixar-se levar como um navio à deriva: é se autogovernar em meio às circunstâncias, às tempestades, exercitando, de forma consciente, as possibilidades. A força da verdadeira mudança não exclui fragilidade. Todo homem tem seus pontos fracos, e percebê-los representa a possibilidade de superação. Nesse sentido, o impulso necessário a qualquer processo de

> mudança não é exterior ao homem, mas está nele, levando-o a superar os seus limites. Nesse processo, a tomada de consciência e o respeito aos valores éticos passam a ser referência para o restabelecimento do equilíbrio comprometido. Mudar significa (re)visão de atitude e posicionamento perante o mundo e a realidade, passagem entre um velho que se extingue e um novo que, gradativamente, adquire forma. Esse movimento carrega em si duas forças antagônicas, uma que busca a realização e outra que reafirma os valores construídos e, por isso, persiste.... (GUSDORF 1967 apud RAMOS, 2002, p.68).

Na mudança, há uma nova postura diante do conhecimento que foi adquirido e que foi passado pelo íntimo do sujeito e a habilidade refletirá uma atitude com responsabilidade. Isso é à busca da construção do pensamento para um trabalho de significância no atendimento à necessidade do aluno.

No cenário da escola, a qualidade do ensino tem sido fator de preocupação e também o maior desafio para se alcançar, pois o acesso à escola está muito próximo de ser estendido praticamente a toda à população, uma vez que o número de pessoas fora da escola a cada dia fica menor. Isso mostra um grande avanço; além do mais, a educação no mundo vem adquirindo, no decorrer do tempo, a valorização necessária ao desenvolvimento do sujeito. E os paradigmas da educação diante da questão da inclusão devem, necessariamente, passar pela formação do professor, pela conscientização, gestão e pela responsabilidade institucional para educação do cidadão que foi acolhido.

> O ensino superior não pode reduzir-se a uma simples formação; suas finalidades e perspectivas são mais vastas. Os estudantes esperam muito de seus currículos pós-secundários e buscam o debate e o intercâmbio sobre algumas questões cruciais para o desenvolvimento da sociedade em que vivem e para seu próprio desenvolvimento enquanto jovens adultos [...]
>
> O nascimento de uma nova sociedade dependerá enormemente - para não dizer integralmente – da existência de atitudes diferentes e de uma compreensão profunda da diferença (UNESCO, 1999, p.458).

Faz-se necessária, então, uma compreensão por parte de todos os sujeitos envolvidos em cotidiano escolar inclusivo para um movimento de aprender interagindo com o novo, o diferente; portanto, a formação inicial e a continuada têm

grande interferência no momento de tratar as situações diferentes; por isso a formação é tão importante para a construção de um ambiente.

A demanda de sujeitos portadores de deficiência visual ao ensino superior nos provoca a ter respeito pela diversidade e ter a responsabilidade de minimizar a distância das desigualdades entre os seres humanos fazendo com que essas vidas diferentes, se tornem, sim, diferentes.

A Biblioteca deve ser um espaço inclusivo e não espaço de indiferença para com a diferença. A maioria das instituições universitárias, bibliotecas e bibliotecários não enfrentam os problemas desse universo como deveriam; cabe a eles o papel importante para a solução, como responsáveis para o atendimento desse público de necessidades diferentes, e que não deve ser ignorado, e sim respeitado. Somente assim estarão cumprindo com responsabilidade o seu papel social e educacional.

Segundo Almeida, (2004), as políticas públicas podem contribuir para criar espaços, assegurar direitos e deveres, promover projetos mais eficientes, mas não dão garantia nenhuma sobre uma verdadeira inclusão, o que só acontece se de fato nos envolvermos. Envolver dá trabalho, implica responsabilidade e compromisso, é caminhar a passos curtos. “Onde não existe afeto de fato não há relação humana possível e, portanto, não haverá inclusão”.

Percebe-se que muitas mudanças pretendidas com as conquistas sociais não ocorrem de imediato, se fazem de forma lenta e gradual que pode demorar décadas para emergir em tempos e ritmos diferentes em cada sociedade. Além disso, existe o grande desafio da conquista às resistências, às mudanças e aos obstáculos sempre tão presentes nesses espaços. No espaço Biblioteca, o sujeito bibliotecário com sua nova postura e atitude é que fará acontecer a função social com real significado, no envolvimento de pessoas para uma mudança com objetivo de fazer cumprir a leis e normas relacionadas ao sujeito portador de necessidades especiais.

O espaço da sala de aula e o sujeito professor é que farão acontecer a criação de ambientes de aprendizagem inclusivo, na parceria, no diálogo e nos saberes e, sobretudo, na humildade de perceber a necessidade de integração e interação nesse ambiente de sala de aula.

Segundo Mizukami *et al*.(2002), uma das formas da reflexão-na-ação pode ser percebida quando o professor se esforça para se aproximar do aluno e entender

seu próprio processo de conhecimento, ajudando-o a articular seu conhecimento-na-ação com o saber escolar. À medida que o professor se distancia da situação, é possível refletir sobre a reflexão-na-ação, que consiste na observação e na descrição do que já ocorreu e exige o uso de palavras.

É importante que o professor tenha na consciência a disposição para a percepção do aluno portador de deficiência visual na sala de aula para que, então, possa escutá-lo. Dessa forma poderá percebê-lo e, assim, buscarem juntos os caminhos que poderão ampliar e melhorar seu pensar, seu agir e sua ação.

É a atitude se comunicando com a prática e descobrindo na reflexão novas construções de um viver compartilhado e gestado por um novo olhar desses formadores.

> Aprender a ser professor, nesse contexto, não é, portanto, tarefa que se conclua após estudos de um aparato de conteúdo e técnica de transmissão deles.É uma aprendizagem que deve se dar por meio de situações práticas que sejam efetivamente problemáticas, o que exige o desenvolvimento de uma prática reflexiva competente. Exige, ainda, que além de conhecimentos, sejam trabalhadas atitudes, as quais são considerados tão importantes quanto os conhecimentos.(MIZUKAMI *et al.,* 2002, p.12).

O professor deve ser hoje um facilitador no processo de ensino/ aprendizagem, deve acompanhar os avanços rompendo com as resistências; e com ética, viver a virtude da coerência entre o discurso e a prática pedagógica e desenvolver a compreensão, o dialogo, a parceria e o cuidado como atitude de habitar e se envolver com o outro.

> Assim, pode-se afirmar que a formação parte firmemente da teoria, permeia a prática e sempre volta à teoria, em crescendo o processo de continua evolução de capacidades e competências produtivo-qualitativas, pela dialética interativa entre teoria e prática, dinamizada ao longo da cadeia de elos que configuram a formação como dinâmica processual, alimentada pela energia teórico-reflexiva, ininterruptamente fluente da relação teoria versus prática. (CÂNDIA e ÁVILA, 2003,p.252).

O trabalho com o aluno “diferente” mostra a necessidade de administrar esse diferente; e para que isso possa ser bem trabalhado pelos profissionais envolvidos é necessário que tenham conhecimentos e saibam bem o que estão fazendo, assim estarão realmente contribuindo para o desenvolvimento total do sujeito. A escola inclusiva deve implementar meios que façam que o professor seja um colaborador e

multiplicador desse processo de aprendizagem utilizando da pratica de forma que estimulem o diálogo e cooperação entre os envolvidos

Para Cândia e Ávila (2003), o processo formativo progride significativamente quando percebemos que os currículos também devem dedicar grande atenção a capacidades e valores em qualquer tipo de formação,...o que o profissionalizando tem de saber sobre o-que-terá-de-fazer e, que por outro, a necessidade de o mesmo se capacitar para bem-fazer-o-que-terá-de-fazer, discernindo, assumindo e irradiando nas trajetórias de sua própria vivência, assim como na da sociedade de que pelo menos diretamente participe e na dinâmica do meio-ambiente em que se insira....ao longo de toda sua prática profissional.

A Biblioteca participa do processo educativo do estudante proporcionando-lhe a informação para ser bem sucedido na sociedade atual, baseada na informação e no conhecimento. O professor e a biblioteca são parceiros do estudante para que desenvolva competências para a aprendizagem ao longo da vida e desenvolva a imaginação, permitindo-lhe tornar-se cidadão.

Entretanto, quando esse objetivo da Biblioteca não é praticado de forma a proporcionar a todos os seus usuários, sem qualquer discriminação no trato ou direitos/deveres, no atendimento constrangedor, cabe à gestão da biblioteca atitude e ação redefinindo sua política e diretrizes de forma a proporcionar solução para a situação-problema e, conseqüentemente, terá o seu papel acentuado na disseminação de uma cultura de “não exclusão” e de valorização do ser humano.

3 A EXPERIÊNCIA DA BIBLIOTECA PROF. LÚCIO DE SOUZA DA UNIVERSIDADE CIDADE DE SÃO PAULO (UNICID) NO CAMPO DE APOIO E SUPORTE A ALUNOS DEFICIENTES VISUAIS.

No contexto de seus objetivos e metas, o Centro se desenvolve, segundo Naddeo, Garcia e Machado (2001, p.31) traz os seguintes programas com a comunidade acadêmica e externa :

- Informática para crianças, jovens e adultos cegos - um dos laboratórios de informática da UNICID possui 24 microcomputadores multimídia, fone de ouvido e o programa Virtual Vision (sintetizador de voz) possibilitando a realização de cursos de informática nos diferentes módulos:Windows, Word, Excell e Internet.
- Reabilitação básica:
  - Práticas do dia-a-dia (prendas domésticas) onde crianças, jovens e adultos deficientes visuais aprendem cuidados pessoais (vestir-se, portar-se de maneira adequada nas diferentes situações), atividades práticas (cozinhar, limpar casa, passar roupa, arrumar armários) e no trabalho com a família.
  - Orientação e mobilidade: desenvolve atividades que levam a pessoa portadora de cegueira a ter uma mobilidade independente (andar sozinho com auxílio da bengala longa), em ambientes internos e externos.
  - Comunicação: ensino do Sistema Braille para jovens e adultos que perderam a visão ou que não tiveram a oportunidade de passar por programas educacionais.
  - Apoio psicológico durante o processo de reabilitação para o aluno e familiares.
- Educação Física Adaptada: desenvolve programas de atividades motoras para portadores de deficiência visual e mental.
  - Portadores de deficiência visual: o programa visa ao aprimoramento de suas capacidades físicas (capacidade aeróbia, flexibilidade, resistência muscular localizada), motoras (equilíbrio, coordenação e agilidade), bem como habilidades motoras de manipulação, locomoção e estabilização.

- Assessoria às escolas, sempre que solicita, que tenham alunos portadores de deficiências, com objetivo de facilitar a inclusão .
- Espaço Lúdico - A criança portadora de necessidades especiais precisa, desde muito cedo, estar com outras crianças e aprender a desfrutar dessa oportunidade que se constitui em um dos principais objetivos da inclusão.

  As crianças portadoras de deficiências sensoriais, físicas e/ou mental, atendidas pelo Centro de Apoio Acadêmico ao Deficiente (CAAD) e aquelas consideradas normais pertencentes a comunidades próximas do campus universitário, poderão desfrutar desse espaço.

  Através de brinquedos, jogos e brincadeiras, as crianças portadoras de deficiências estarão sendo preparadas socialmente para freqüentarem uma escola comum.
- Estimulação precoce: tem por objetivo facilitar o desenvolvimento da criança cega e portadora de visão subnormal, prevenindo problemas adicionais à deficiência visual por falta de ambiente facilitador e que estimule seu contato com o "mundo". Essa atividade se dá num ambiente agradável (Espaço Lúdico) por meio de brincadeiras com brinquedos sonoros, coloridos e agradáveis ao tato. Nessa estimulação é realizado, também, o treinamento de visão subnormal, garantindo a essas crianças melhor uso e eficiência visual.

Através do CAAD é, também, oferecido ao estudante da Universidade com Deficiência Auditiva um intérprete de Língua de Sinais na sala de aula e para o estudante com Deficiência Física o atendimento em suas necessidades específicas , como o uso de carteira anatômica para permanecer em sala de aula.

Essencial é o papel da Universidade em desencadear o processo de gerar e agregar novos conhecimentos, capacitar e atualizar com qualidade, profissionais da comunidade. E cabe à biblioteca fornecer suporte informacional e documental ao ensino, à pesquisa e à extensão para toda sua comunidade acadêmica, tenha ela necessidades especiais ou não.

Nesse sentido, este capítulo tem como objetivo descrever o processo que foi desenvolvido para que se concretizassem o apoio e o suporte da biblioteca aos alunos deficientes visuais que freqüentam a UNICID.

3.1 No Centro de Apoio Acadêmico aos Deficientes (CAAD), as origens do trabalho com a educação inclusiva na UNICID.

A experiência no atendimento e desenvolvimento de uma política inclusiva na UNICID iniciou-se com um trabalho realizado junto a uma aluna com deficiência visual matriculada no curso de Pedagogia na Universidade. Os primeiros atendimentos a estudante foi feito pelo Vice-reitor da Unicid, Prof. Sérgio Augusto Soares de Oliveira Naddeo e sua secretária na época, Kátia Gerrera. Ambos faziam as transcrições para Braille de todo o material que era necessário para a aluna estudar.

Em 1995, foi criado o Auxílio ao Deficiente Visual (ADV). Com o aumento de estudantes com deficiência matriculados na Universidade foi implantado em 01 de agosto de 1999, na Universidade Cidade São Paulo, o Centro de Apoio Acadêmico aos Deficientes (CAAD).

O CAAD, projeto inovador, resulta, assim, da preocupação com o papel social de como assegurar ao seu alunado a igualdade de oportunidades, objetiva valorizar a inclusão de todos na Universidade. Desenvolvem-se trabalhos de intervenção e de pesquisas sobre formas adequadas para facilitar a participação dos deficientes visuais na vida acadêmica.

Segundo o seu idealizador, o referido Prof. Sérgio Naddeo, o portador de qualquer tipo de deficiência deve ter acesso à Universidade como os demais.

O CAAD, além de apoiar e dar suporte aos acadêmicos e aos docentes, atende a comunidade, tendo como missão desenvolver pesquisas que buscam alternativas para a melhoria de qualidade de vida dos deficientes. (NADDEO; GARCIA, MACHADO, 2001, p.31).

3.2 Relatando um processo na biblioteca

No contexto de uma universidade sensibilizada e com propostas concretas para a inclusão (o marco do CAAD), a Biblioteca Prof. Lúcio de Souza, nesse contexto, também recebeu um aumento na demanda de aluno DV procurando por informação acessível às suas condições para que pudesse acompanhar seus estudos na Universidade. Esta procura ocorreu pela grande dificuldade que esse tipo de usuário encontrou para dar seqüência aos estudos na Universidade.

Inicialmente, é preciso destacar que o aluno DV necessita de uma série de adequações que o possibilitem ser usuário com autonomia, minimizando os efeitos de obstáculos encontrados. A maior dificuldade enfrentada pelo aluno está no acesso aos livros, imprescindíveis para a sua condição de estudante. (MAZZONI;TORRES;ANDRADE, 2001, p.124).

Outra questão foi a dificuldade encontrada, no início deste trabalho, em relação ao grupo de funcionários da biblioteca. O trabalho, ainda pouco conhecido por todos, e a própria dinâmica estrutural administrativa e organizacional da biblioteca, dificultaram a compreensão dos funcionários para a necessidade de mudança com vistas à conscientização do pensar inclusivo.

Esse pensar pode apresentar ambigüidade, ao possibilitar a aproximação com a existência da exclusão, dos preconceitos, mitos, vontade de alguns, acolhimento, direitos, segregação, compreensão, envolvimento e integração.

Agregar este trabalho à rotina das atividades da biblioteca, bem como os DV que estavam incorporando o universo de usuários dessa biblioteca, representava uma dimensão de público novo e pouco conhecido para a equipe de funcionários. A insegurança decorrente da falta de informação a respeito dessa demanda foi responsável, em grande parte, pela atitude de resistência do funcionário. A convivência e o exercício da prática na realização do trabalho têm favorecido para que as resistências sejam vencidas.

Inicialmente, procurou-se verificar as informações que os alunos estavam precisando. Por exemplo, verificou-se que as informações para os alunos do curso de Direito era prioridade no ano de 2002 : eram muitos alunos e muita informação

para que fosse feita adaptação que tornasse possível ao aluno acompanhar as atividades regulares do curso.

Faz parte da dinâmica de trabalho em sala de aula, para os alunos videntes, o uso constante de apostilas com capítulos de obras ou mesmo trechos extraídos de outras fontes (periódicos, Internet) a fim de serem explorados para elucidar as questões tratadas nas disciplinas.

A primeira modificação que o DV necessita, é a adaptação do material informacional, passando o impresso a tinta para o formato digital, produto inexistente no mercado editorial. A biblioteca, para atendê-los, necessita adaptar a informação em meio digital, Braille ou MP3.

Nesse sentido, para iniciar o trabalho de adaptação dos materiais, livro, capítulo de livro e artigo de periódicos, a biblioteca teve de adquirir um scanner.

Para registrar os títulos dos materiais que são preparados para o aluno DV e para reuni-los no catálogo geral da biblioteca, foi elaborado o *Catálogo IDV – Informação para Deficientes Visuais* que está disponível na Internet (http://aleph.unicid.br:4505/ALEPH/-/start/ucd). Esse catálogo é para o registro e recuperação de informações que estão em diferentes formatos, Braille, Arquivo de computador, Mp3.

Esses materiais que estão sendo adaptados para esses formatos são de uso exclusivo de deficientes visuais.

3.2.1 Recursos e ferramentas necessárias para o DV

3.2.1.1 Preparação do material

Ao ser solicitada uma informação pelo aluno DV, o funcionário realiza a busca desse material. Pesquisa-se no catálogo IDV para verificar a existência dessa informação; não existindo o registro da informação, inicia-se o procedimento de adaptação do material solicitado que se encontra no catálogo geral.

A obra é arquivada em uma caixa com a identificação “Livros a serem escaneados” junto à planilha Scanner/correção de acompanhamento do procedimento. (Anexo 4).

Nessa planilha estão especificados:

- Os dados cadastrais do aluno, o formato desejado,
- A referência bibliográfica do material,
- A tabela de acompanhamento dos arquivos identificando a localização do arquivo, o processo de escanear (com horário inicial e final da formação do arquivo bem como seqüência de páginas escaneadas por arquivo) e o processo de correção (com horário inicial e final da correção dos arquivos e a seqüência de páginas corrigidas).

Com o material em mãos e a planilha de acompanhamento devidamente preenchida, cabe ao funcionário verificar a ordem de solicitações e dar início ao processo seguinte:

a) Escanear:

O processo de escanear se dá em três etapas:

1. Transformar a página em uma imagem (escanear),
2. Usar um programa de Reconhecimento Óptico de Caracteres (OCR) para converter a imagem em texto,
3. Corrigir o texto criado pelo OCR.

Para iniciar o processo de escanear é necessário verificar, de acordo com as configurações do aparelho de Scanner com o qual se está trabalhando, a forma mais adequada de proceder com o documento a ser digitalizado. Os aparelhos, em geral, requerem alguns cuidados comuns:

- É adequado que as páginas sejam escaneadas uma por vez: a grande maioria dos scanners não tem configuração para dispor as páginas, na ordem coerente, quando são escaneadas duas páginas ao mesmo tempo.
- Ao escanear uma página, observa-se, de acordo com a configuração do aparelho, se é necessário redimensioná-la ou se isso já é feito automaticamente. Caso necessário, sempre que a página se apresentar para possíveis correções antes de confirmada a sua digitalização, redimensionar a página no sentido horário e vertical.

- Atenção aos textos grifados ou sublinhados. Esse tipo de texto é rejeitado na configuração de qualquer scanner, uns aparelhos em maior grau outros, em menor grau. Quando há palavras grifadas ou sublinhadas, o leitor do scanner, por não reconhecer esses caracteres, substitui por outros que não fazem parte do texto ou elimina trechos escritos.
- É recomendável escanear sempre em torno de 10 páginas de cada vez antes de concluir o processo. Deve-se considerar que, na possibilidade do aparelho ter algum problema e travar durante o processo, se muitas páginas estiverem sendo acumuladas, muitas poderão ser perdidas. Portanto, escanear um menor número de cada vez é uma medida de prevenção.
- Sempre que concluído o processo e enviado para o Word, antes de salvar o documento, não esquecer de registrar sua referência de acordo com a paginação que compreende e formatá-lo dentro dos padrões dos demais documentos (obedecendo a um mesmo estilo de fonte, parágrafos, margens e espaçamentos).

b) *Após escanear o material*

Depois de digitalizadas as páginas desejadas, através do software dop Scanner, são transferidas para o Word e salvas em uma pasta identificada como “Materiais Escaneados”. Salva-se uma cópia em disquete. O material escaneado é encaminhado à caixa correspondente à etapa do processo “Materiais para correção”.

c) *Correção*

O texto enviado do scanner para o Word, geralmente apresenta alguns erros ortográficos e erros de configuração, portanto, é necessário corrigi-lo antes de encaminhar ao aluno.

Ao iniciar a correção do material deve-se primordialmente observar, na planilha, o tipo de solicitação quanto ao formato desejado pelo aluno DV e identificar o material registrando-se a referência bibliográfica correspondente, segundo a ABNT, no início do texto.

3.2.2 Coleção em braille

Para formação da coleção Braille da Biblioteca, além do convênio com Fundação Dorina Nowill para Cegos, são feitas impressões em Braille a partir das solicitações do aluno DV por esse tipo de formato do material.

O documento digital corrigido é enviado por e-mail para o CAAD (Centro de Apoio Acadêmico aos Deficientes) onde será feita a impressão em Braille.

Após, impresso em Braille, este material retorna à Biblioteca para que possa ser registrado em nosso catálogo e, assim, inserido no Catálogo IDV para consulta do aluno DV. Concluído o registro, o material é encadernado com uma página frontal de identificação à tinta e encaminhado ao aluno DV solicitante.

É importante que a biblioteca possua um acervo em Braille por menor que seja seu espaço físico e que possibilite a adaptação da informação em Braille para que o aluno possa estudar utilizando o Braille também no recinto da biblioteca. A figura a seguir ilustra um momento de consulta e estudo em material Braille.

Figura 1 - Aluno estudando em Braille na Biblioteca da Unicid

3.2.2.1 Empréstimo de material em Braille

Normalmente o livro em Braille ocupa um espaço físico maior que o livro em tinta para ser armazenado e, para resolver essa situação na biblioteca, definiu-se

que o empréstimo do material em Braille seja concedido em caráter de depositário, ou seja, o aluno DV mantém consigo o material até que outro usuário solicite-o para empréstimo. Se outro usuário solicitá-lo, a Biblioteca providencia para que seja feita sua devolução e o repasse do material ao outro usuário.

3.2.3 Conversão texto para voz

O processo de conversão é muito simples, realizado a partir de qualquer arquivo texto (.TXT) ou rich text format (.RTF) e um sintetizador de voz padrão SAPI 4 ou 5 (Speech Application Programming Interface).

A Biblioteca utiliza o sintetizador da Nova Itália Editora (Loquendo)[12] (Loquendo Gabriela Brazilian Portuguese), que, em conjunto com outro software da mesma empresa, o Text to Voice gerencia o arquivo que contém o texto e o remete para o sintetizador para que este faça a leitura e a conversão para voz no formato.MP3 ou.Wav.

O formato MP3 é o que mais utilizamos por ser compacto e conseqüentemente utiliza menos espaço em disco e tem qualidade.

Após os arquivos gerados, utilizamos o software de gravação de Cd's Easy CD Crieator, Nero, para criar um CD de áudio que seja reproduzido em qualquer aparelho de som; ou mantê-lo em formato de dados (arquivo .Mp3) para que o aluno ouça em MP3-player, computador ou até mesmo celulares.

3.2.4 Sala de multimídia

Em atividade desde 1997, a Sala de Multimídia tem proporcionado ao público em geral serviço de levantamento bibliográfico possibilitando consultas em bases de dados bibliográficas e pesquisa via Internet. É nesse ambiente que há maior interação do aluno com o computador, favorecendo o atendimento ao DV.

A medida inicial se deu com a instalação do software Virtual Vision[13], um sintetizador de voz que transforma em áudio os comandos que o DV aciona. Por intermédio dos computadores da sala de multimídia, o aluno DV pode fazer suas

[12] O sintetizador e o software foram doados para a Biblioteca da Unicid pela Nova Itália Editora.
[13] O software Virtual Vision foi doado para Unicid pela Micro Power.

pesquisas, verificar seus e-mails e, digitar seus trabalhos. Essas simples ações, com o auxílio do software Virtual Vision, são os passos iniciais que possibilitaram autonomia ao DV no uso dos recursos disponibilizados na sala de Multimídia.

A sala de multimídia teve o seu espaço físico ampliado para melhor atendê-los nesse ambiente. Nela, também há mesas de estudo com o computador que podem melhor acomodar o aluno DV .

É necessário lembrar que existem alunos com DV que se locomovem utilizando cão–guia. Com isso a biblioteca pode proporcionar com pequenos ajustes no seu ambiente de forma que facilitem a circulação do aluno com o seu cão, desfrutando do conforto permitido pelo espaço para realizar suas pesquisas e estudos.

Nas figuras 2 e 3 exemplos da situação mencionada:

Figura 2 - Aluno utilizando o computador na Biblioteca em companhia do seu cão guia

Figura 3 - Aluno circulando no espaço da biblioteca com o cão guia

3.2.5 Virtual Vision

É um software leitor de tela que, interagindo com o Sistema operacional do Computador, captura toda e qualquer informação apresentada na forma de texto e a transforma em uma resposta falada utilizando, para isso, um sintetizador de voz permitindo aos Deficientes Visuais o uso do ambiente Windows, seus aplicativos Office, e navegar pela Internet com a Internet Explorer.

O virtual diz para o usuário o que está escrito na tela; ele é um tradutor virtual para os cegos. Quando qualquer letra é teclada, o software a soletra para o usuário. Ao teclar espaço, o software lê a palavra inteira digitada, para garantir que não haja erros.

Esse recurso está disponível nos computadores da sala de multimídia para os alunos DV.

Conforme consta no site da Micro Power, o Virtual Vision 5.0 é o programa que permite aos Deficientes Visuais utilizar o ambiente Windows, seus aplicativos Office, e navegar pela Internet Explorer. O Virtual Vision 5.0 utiliza o DeltaTalk, a tecnologia de síntese de voz desenvolvida pela MicroPower®, garantindo a qualidade do áudio como o melhor sintetizador de voz do mundo em português. Essa versão é compatível com Windows 2000 e XP.

Permite informar ao usuário o título de colunas de tabelas, é também capaz de informar a seleção de textos conforme realizada pelo usuário; a leitura de textos de forma contínua e com posicionamento automático do cursor na última palavra falada em caso de interrupção de leitura; a integração com o Microsoft Office 2000/2003/XP, PowerPoint, planilhas do Excel; a criação de bookmarks em textos conforme eles são falados; permite o congelamento e navegação através do texto sendo falado; leitura no Acrobat Reader 6.0; reconhecimento de anexos; correção na leitura das linhas vazias das mensagens.

Todo esse processo de trabalho na biblioteca da UNICID traduz um compromisso não somente da pesquisadora, mas de toda uma comunidade acadêmica que entende o aluno deficiente visual como um sujeito cidadão, cujas demandas não podem ficar sem propostas de atuação que respondam positivamente às necessidades e desejos por uma formação universitária inclusiva e de qualidade.

4 CONHECENDO OS GRADUANDOS E SUAS EXPERIÊNCIAS

A partir da questão orientadora nuclear, *como os alunos DV que freqüentam a biblioteca da UNICID compreendem o papel formativo da biblioteca?,* foi possível organizar os dados coletados, bem como empreender uma análise que respondesse aos objetivos propostos nesta pesquisa.

Nesse sentido, optou-se por estruturar este capítulo em três grandes eixos: *Os graduandos: alguns traços de inserção na universidade e no mundo do trabalho; Os graduandos e suas experiências escolares e Os graduandos e as experiências com a biblioteca na universidade.*

4.1 Os graduandos: alguns traços de inserção na universidade e no mundo do trabalho

No momento da nossa pesquisa, foram identificados 21 alunos, com deficiência visual usuários da Biblioteca Prof. Lúcio de Souza.

Tabela 1 - Número de Alunos DV por Curso na UNICID

Curso	n	%
Administração	2	9,5
Direito	7	33,3
História	1	4,8
Comunicação Social – Hab. em Jornalismo	1	4,8
Letras	2	9,5
Pedagogia	2	9,5
Superior de Tecnologia em Processamento de Dados	2	9,5
Superior de Tecnologia em Comunicação e Marketing	1	4,8
Superior de Tecnologia em Desenvolvimento de Softwares	1	4,8
Mestrado em Educação	2	9,5
Total	21	100,0

Os estudantes participantes desta pesquisa apresentam uma faixa etária entre 19 e 58 anos, havendo uma maior incidência em torno dos 23 anos.

Ingressaram na universidade, em sua maioria, nos anos de 2002-2003 e estavam matriculados nos semestres letivos conforme tabela abaixo

Tabela 2 - Número de alunos matriculados conforme os semestres letivos de 2005

Semestre	n	%
1	3	14,3
2	2	9,5
3	2	9,5
4	5	23,8
5	1	4,8
6	7	33,3
8	1	4,8
Total	21	100,0

No campo das atividades profissionais, 16 graduandos já estão inseridos no mercado de trabalho:

Tabela 3 - Número de alunos conforme a atividade (função) exercida em 2005.

Atividade (função)	n	%
Analista de Qualidade	1	6,3
Auxiliar Administrativo de Call Center	1	6,3
Auxiliar de Projetos	1	6,3
Docente	1	6,3
Estagiário	3	18,8
Instrutor de informática	1	6,3
Prof. de braille e transcrição das provas dos alunos deficientes	1	6,3
Professora de Alunos com deficiência visual	1	6,3
Programador sênior de mainframe	1	6,3
Recepcionista	2	12,5
Suporte Técnico	1	6,3
Técnico Judiciário	1	6,3
Vendedor e Massagista	1	6,3
Total	16	100,0

O tempo em que exercem tais atividades profissionais é variável : 7 graduandos estão, aproximadamente, há 12 meses; 4 deles, há 2 anos; e os demais em períodos inferiores.

No Brasil, o Decreto nº 3.298 de 20.12.1999, da Presidência da República, estabelece os critérios de identificação e participação desses profissionais no mundo do trabalho.

As dificuldades existentes para inserção dos DV no mercado do trabalho são muitas, principalmente em relação às vagas oferecidas e a inexistência de recursos físicos e tecnológicos adaptados no ambiente de trabalho. Entende-se que oferecidas as condições de aprendizado e disponibilizados os meios de promover e aplicar suas habilidades, o DV poderá desenvolver mais facilmente a sua autonomia quanto à locomoção, execução de tarefas, desempenho de atividade escolar e exercício da atividade profissional.

O exercício dos direitos humanos e a ampliação das alternativas de inserção no mercado profissional do portador de deficiência são conquistas a longo prazo mas já tiveram o processo desencadeado e em pleno desenvolvimento.

> É claro que o trabalho é importante para o sustento e para o desenvolvimento individual e social. Mas não há razão para ver tanto impedimento, pois a grande parte dos portadores de deficiência consegue trabalhar, mediante a remoção de barreiras. Há muitas atividades que eles podem realizar, transcendendo as suas limitações. A idéia de inutilidade é exagerada e erroneamente generalizada nas construções das imagens dos portadores de deficiência. Isso tem a ver muito mais com a formação das concepções do que com a realidade das limitações. É um problema social mais social do que individual. (PASTORE, 2000, p.20)

4.2 Os graduandos e suas experiências escolares

Ao serem mobilizados para refletir sobre suas experiências escolares no ensino fundamental, os graduandos sinalizaram o trabalho do professor, a ajuda de amigos, a vontade de ler e o encontro com a linguagem Braille.

A busca de alternativas do professor para contribuir na aprendizagem dos alunos emergiu nos relatos de dois alunos:

> *"...Uma experiência marcante de aprendizagem e inclusão aconteceu na terceira série do ensino fundamental, na ocasião*

em que eu e os demais colegas de minha turma aprendíamos sobre plantas aquáticas na disciplina de Ciências. Para meus colegas era relativamente fácil observar as figuras constantes do livro, mas para mim (único aluno com deficiência na classe) tal aprendizado seria impossível. Foi então que a professora, em negociação com minha mãe, resolveu não adotar as explicações constantes do livro, mas dar uma aula prática. Pediu que minha mãe providenciasse plantas aquáticas – o que foi feito, e todos aprenderam a matéria na prática, de forma que puderam observar o material vivo ao mesmo tempo em que eu pude tocá-lo, não sendo prejudicado e não prejudicando a ninguém, ao contrário: realizando uma excelente possibilidade de inclusão."

"...Das biológicas, recordo-me de uma aula de botânica em que a professora levou os alunos a um jardim para sentirem (virem) as partes de uma planta (raiz, caule, folha e flores) e em seguida, levou-os à feira para conhecerem as frutas diferentes e revirem as tradicionais. Todavia, destaquei-me mais nas humanas, pelas explicações, melhor compreensão e porque não dizer também notas. Em conseqüência desses fatores, nasceu o desejo de cursar uma faculdade de Letras."

Para três alunos a compreensão dos amigos e professores para com sua deficiência foi fundamental:

"... A época em que eu estudava os professores tinha uma visão tradicional, mas eles foram muito compreensíveis com as minhas dificuldades visuais, eu só tive um pouco de dificuldade no uso do dicionário porque as suas letras eram para mim minúsculas e o professor pedia para fazer uma consulta no dicionário.

No segundo grau era como se fosse uma família. No 3º ano era eu junto de seis meninas que só faltavam me carregar no colo."

> *"... A forma de atenção que dois professores tratavam os alunos . Dentre eles dois, o professor Adolfo, que era forte, não costumava gritar com os alunos, mas com seu jeito imponente de ser colocava medo em todos. Foi o único que conseguia me entender e que percebeu a minha dificuldade de enxergar a lousa. O outro o professor João, que era um pai, um grande professor de língua portuguesa, nos tratava como filhos tinha um carinho enorme com todos uma preocupação se tínhamos entendido a matéria, quando não, ficava um pouco mais, uma ocasião, para que ficasse claro o que ele estava falando, começou a contar a respeito da matéria, muito engraçado por sinal, isso fez com que nós não mais se esquecesse do sujeito, predicado, verbos etc. Lembrando que isso tudo aconteceu no ano de 1979, com o professor Adolfo e pouco tempo depois com o professor João, ainda dentro do militarismo e suas limitações."*

Outros estudantes destacaram seus próprios processos de adaptação com a deficiência, a participação em espaços lúdicos (teatro) e a vontade ler, como vivências marcantes:

> *"... Um fato que me marcou foi quando eu estava no Instituto Padre Chico foi quando a finada irmã Jurema dizia de que eu nunca chegaria à quinta série."*
>
> *"... Na quinta série, eu segurava o livro em frente aos olhos, enquanto aguardava a hora de adentrar à sala de aula. Fazia de conta que estava lendo de tanta vontade que tinha de ler."*
>
> *"... Uma peça teatral em que eu e minha turma representamos a violência enfrentada pelos trabalhadores rurais sem terra, MST, nas invasões das fazendas na luta pela reforma agrária, ao som da música admirável Gado novo Zé Ramalho."*

Importante destacar que 9 graduandos não registraram qualquer situação e/ou experiência marcante.

Os relatos sobre as experiências marcantes dos alunos participantes da pesquisa nas séries do ensino fundamental evidenciam a importância da prática do docente na contribuição do processo de ensino-aprendizagem. Fatores como a atenção, compreensão, relação entre os professores e colegas em sala de aula são apontados com relevância em seus relatos.

Os dados coletados ratificam as idéias de Masini (1993, p.69) para quem o educador não pode esquecer-se de que a deficiência visual resulta da privação de estímulos e informações do meio ambiente. A sua preocupação consiste em encontrar caminhos para o DV ampliar seu contacto com o mundo que o cerca, de um lado, ampliando sua percepção e compreensão dos conhecimentos, e por outro, intensificando suas relações e comunicação com os que o cercam.

Os primeiros contactos com os livros se deram de formas diversas de aproximação, do DV com o material impresso. Para quatro graduandos a mediação do Braille foi fundamental:

> *"... Primeiro contato foi depois de ter concluído o ensino médio. Achei muito estranho, pois poucas coisas se tornaram muitas em Braille."*
>
> *"... Foi em 1984, onde foi que eu entrei em contato com os livros em Braille "*
>
> *"... Na ocasião, estava matriculado com o intuito de aprender o Braille, para que não ficasse sobrecarregado com o aprendizado do método e das matérias inerentes ao primeiro ano do ensino fundamental.O livro "A Casinha do Tatu" – que os alunos receberam, de cujo autor não me lembro o nome, foi transcrito para o Braille com o uso de uma Máquina Perkins, o que me possibilitou recebê-lo e exercitar a leitura com a referida obra."*
>
> *"... Ocorreu no Instituto Padre Chico, escola que felizmente contava com todos os livros necessários para o desenvolvimento educacional."*

O ledor e os livros ampliados também possibilitaram o contato com os livros:

> *"... Foi através do Caminho Suave, onde eu mergulhei na leitura através da professora Zenaide."*
>
> *"... Foi ruim, porque as letras eram pequenas, só tinha o auxilio da lupa e ajuda de familiares e outros alunos. Não tinha o processo de ampliação de letra."*
>
> *"... Os livros eram lidos sempre por minhas colegas que sempre ia a minha casa, pois eu morava perto do colégio."*

Todavia, são significativas as respostas de cinco estudantes: a ausência de material adaptado dificultou muito o contato com os livros:

> *"... Muito difícil uma vez que não havia edições em braile nem em material ampliado."*
>
> *"... Até a quinta série do ensino fundamental utilizei livros normais, após a perda da visão comecei a procurar alguns livros no Centro Cultural São Paulo, que raramente eram encontrados."*
>
> *"... Até a segunda série do ensino fundamental utilizei livros normais. Após a perda da visão, fiquei sem estudar até os 21 anos, quando voltei a estudar através de um supletivo do ensino fundamental. Lá encontrei livros em Braille e falados."*

Os relatos nos apontam para a necessidade da prática da linguagem Braille para o desenvolvimento educacional e a integração do aluno portador de deficiência visual na sociedade.

> O recurso de ouvir ler é importante para o desenvolvimento cultural dos cegos, mas nada poderá ou deverá substituir o Braille como base da sua educação. O Braille permite um trabalho mais eficiente e verdadeiramente pessoal no estudo, seja na leitura de textos de maior complexidade, seja no exame de quadros em relevo e na leitura de textos em línguas estrangeiras. Por outro lado, a perfeição na escrita depende muito da leitura Braille que cada um faz, pois é através dela que entra em contacto com a estrutura dos textos, a ortografia e a pontuação. (BAPTISTA, s.d., p.1)

Quando o foco passou a ser o ensino médio, os estudantes destacaram diferentes vivências significativas na relação com os livros e/ou material impresso. Para alguns a compreensão dos professores e dos colegas foi fundamental:

O contato com livros digitais também emergiu como significativo:

> *"... Tive a oportunidade de conhecer os livros digitais."*

As dificuldades com os "normais" foram marcantes em alguns relatos:

> *"... No ensino Médio eu tive um verdadeiro choque quando eu fui estudar no meio dos alunos ditos "normais", foi onde eu nunca comparei com lousa ou giz e foi onde eu fugi e fui procurado pela diretoria da escola."*
>
> *"... Como conseqüência dessa perca de visão sofri o afastamento de colegas, ficando assim com poucas amizades "interesseiras" (para trabalhos em grupo, pois modéstia, meus trabalhos eram realmente bons!)."*

Um dado que se destaca alude às referências de que o inesquecível no ensino médio envolveu as "faltas":

> *"... Tive sérios problemas de aprendizado e inclusão no Ensino Médio, pelo que não me lembro de vivências positivas que possa relatar."*
>
> *"... Uma experiência que me marcou profundamente e que ainda trago as marcas, foi quando perdi consideravelmente a visão e me vi totalmente sozinha sem o apoio de professores e a direção da escola em que eu estudava."*
>
> *"... Devido a essa dificuldade minha mãe passou a freqüentar as aulas comigo e assim me ajudar nas tarefas, como ler o que os professores passavam na lousa."*

> *"... O tempo em que eu estive na escola não houve nenhum interesse dos professores mesma em me auxiliar, saber lidar com deficientes visuais, ser solidária no momento em que eu mais precisei. Como conseqüência disso aprendi a ser independente a força e a aceitar a minha deficiência visual, pois era uma questão de sobrevivência!Foi a melhor experiência que passei. Amadureci e sei que posso ir muito mais longe que pensava."*
>
> *"... Meus professores nunca haviam tido contato com pessoas com necessidades especiais, e poucos enfrentaram esse desafio; o máximo que faziam era ditar a ficha das provas e eleger um colega da sala para sentar a meu lado para ditar as matérias da lousa."*

Vale destacar que essa questão não foi respondida por 8 alunos.

Esses dados nos remetem às palavras de Ribeiro (2002):

> "A inexistência da possibilidade de realização do direito à educação, ou a insuficiência de condições para o seu exercício implica também que a igualdade de direitos e deveres da cidadania está anulada ou prejudicada [...]"

O princípio primeiro básico da educação é propiciar condições para que o indivíduo possa desenvolver sua autonomia. No ensino médio, será o pilar para o desenvolvimento desse indivíduo na sua preparação para a vida após o término do ciclo escolar. Consultando a Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação no capítulo que trata do ensino médio encontramos, Art 35, os incisos que definem as finalidades para o ensino médio.

> Art. 35. O ensino médio, etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos, terá como finalidades:
>
> I - a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;
>
> II - a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;
>
> III - o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;

> IV - a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina.

A inclusão do aluno com deficiência, no âmbito escolar, pressupõe uma proposta voluntária e conseqüente, visto que o legítimo significado de inclusão abrange muito mais que abrir os portões da escola e deixá-lo entrar. O legítimo sentido de inclusão deve permear o Projeto Pedagógico da Escola, que contém as intenções da comunidade escolar. A partir do Projeto Pedagógico estabelece-se a relação da comunidade escolar com a comunidade externa, de modo que, estando o ambiente escolar fundado em uma cultura de inclusão, as barreiras que o deficiente enfrenta em seu percurso escolar poderiam ser superadas e/ou minimizadas e, assim, através da experiência como membro de uma escola e, por conseqüência, de uma comunidade, esse aluno teria condições de ampliar suas possibilidades de estar no mundo.

Os dados revelam o desafio de concretizar a inclusão em sua dimensão social, situando as experiências escolares como espaços importantes para a autonomia, relação com o diferente, aprendizagem significativa. Pensar, compreender e discutir o que foi marcante na escola constituem-se, dessa forma, em um caminho para a proposição de alternativas de uma melhor qualidade de vida para todos, inclusive aos alunos com deficiência visual.

4.3 Os graduandos e as experiências com a biblioteca na universidade

Ao refletirem sobre as suas vivências como graduandos na universidade, eles assinalaram os fatores facilitadores de suas tarefas como alunos do ensino superior:

Tabela 4 - Fatores Facilitadores do Desempenho na Universidade

Fatores Facilitadores	n	%
Biblioteca	32	50,8
Infra-estrutura	17	27,0
CAAD	9	14,3
Professores	5	7,9
Total	63	100,0

Agregados a esses fatores também foram indicados, com ênfase na biblioteca, o atendimento aos alunos, infra-estrutura da biblioteca e multimídia, catálogo IDV e infra-estrutura da Universidade. Os estudantes DV destacaram com especial relevo os livros adaptados (31 referências) e os computadores adaptados (16 indicações) existentes na Biblioteca.

O livro adaptado é um elemento de destaque no resultado desta pesquisa e alguns estudos já confirmaram essa necessidade dos DV em seus estudos, como Mazzoni *et al*.(2001), Masini (1993), Belarmino (2004) constatam que "*se deve considerar como fator primordial para a educação e cultura das pessoas o acesso ao acervo cultural, sobretudo, através de livros*".

Verifica-se, no entanto, que as pessoas com deficiência visual muitas vezes estão impedidas desse acesso se não lhe forem providenciadas as publicações especiais impressas no sistema Braille. O livro, para elas, se constitui em um dos recursos de aprendizagem, aperfeiçoamento e distração. O acesso ao livro é relativamente fácil para as pessoas com visão e se torna difícil para as cegas. Estas ficam, na maioria das vezes, dependentes de instituições que disponibilizam livros em Braille para leitura, ou de pessoas de boa vontade que "emprestam" seus olhos e se tornam suas "ledoras"[14] (BENISTERRO ; SCHLUNZEN, 2005).

O computador adaptado foi o outro elemento apontado de contribuição para aprendizagem. É notório que o desenvolvimento da informática trouxe um mundo de possibilidade para toda sociedade, e em especial para os DV, a informática contribuiu de forma imensurável na integração social e profissional.

Segundo Hoffmann (2002), através de um software leitor de tela (screen reader), o DV pode usufruir, com independência, de grande parte das possibilidades de um computador, tais como menus, ícones e Internet.

Para Papadopoulos e Goudiras (2005) é crescente o número de estudantes universitários portadores de necessidades especiais, o que passa a exigir ferramentas educativas apropriadas e facilidade para o processo de inclusão, pois os alunos portadores de deficiência visual necessitam de medidas especiais para a realização de seus estudos.

[14] Termo que é utilizado e reconhecido universalmente para referir-se às pessoas que realizam leituras as pessoas com DV.

Nesse sentido, a informática abriu o espaço para o DV na medida que o torna usuário do computador. A partir de um leitor de tela, este usuário pode acessar qualquer informatização digitalizada e usufruir da rede mundial de computadores via Internet.

É importante reconhecer que a inclusão do DV é um processo que precisa ser desencadeado porque implica na superação de algumas barreiras relacionadas à infra-estrutura, comunicação, aprendizagem, aceitação do ser humano

Os relatos dos graduandos são significativos quando se trata da Biblioteca como espaço formativo e informativo. Uma primeira ênfase apreendida nas respostas refere-se ao fato de o aluno ter acesso ao computador adaptado:

> *"... E o fato de a biblioteca possuir computadores adaptados,acesso facilitado e ter os seus funcionários treinados para auxiliar os portadores de necessidades especiais faz com que a frase seja verdadeira."*

Para alguns participantes o atendimento pelo pessoal da biblioteca e a possibilidade de adaptar a informação são fundamentais para sua formação:

> *"... Pois sempre obtive um bom atendimento e pelo fato de saber que há possibilidade preparar a informação que precisamos para os nossos estudos na Universidade.Isto é tudo que preciso para poder estudar que a informação digital ou Braille."*
>
> *"... Como em todos os lugares as pessoas devem ser tratadas de igual para igual, e a biblioteca não pode fugir desta regra, pois este espaço é onde vamos buscar cultura e conhecimento. Mas infelizmente são raras as Bibliotecas como essa que dá autonomia aos seus usuários que possuam alguma limitação."*
>
> *"... No caso específico da Biblioteca Prof. Lúcio de Souza - da Universidade Cidade de São Paulo, esta frase é a síntese da biblioteca, espaço preparado para atender às necessidades de quem quer que a procure, algo tão raro na atualidade, na*

situação em que ainda se encontram os portadores de necessidades especiais no Brasil."

"... Se tivermos como referência a biblioteca da Unicid, não tenho dúvida que sim, já quê felizmente conta com uma política bastante consistente, no tocante à busca para disponibilizar todos os seus recursos a todos os que deles necessitam, inclusive pessoas com deficiência visual. Já se analisarmos o contexto geral das bibliotecas, chegamos a uma triste conclusão, que a resposta seria não, visto quê na maioria delas, não observamos a mínima adaptação, no sentido de permitirem que algumas pessoas com necessidades especiais, sobre tudo os cegos possam acessar o seu conteúdo, que é de fundamental importância para a construção da cidadania."

Uma terceira ênfase identificada recaiu sobre a possibilidade de ter acesso à informação adaptada para a sua necessidade:

"... Esse é um dos princípios da inclusão social."

"... O decreto 5296/04 preconiza este direito e diz que toda biblioteca deve ser acessível ao cego e à pessoa de baixa visão. Obriga as editoras a disponibilizarem suas publicações no formato digital. É a regulamentação do direito do acesso à informação. "

"... Eu acho que nós somos tratados com igualdade pois a biblioteca proporciona o espaço e a informação."

"... Concordo, por que, se eu precisasse de um livro poderia pedir para que fosse providenciada a digitalização, e em pouco tempo teria este material em mãos. Depois o tratamento é realmente igual de todos os funcionários."

A atenção aos usuários deficientes visuais é importante para o desempenho da biblioteca, visto que o acesso à informação é um direito do ser humano. Direito

este a ser preservado a esse tipo de público. A biblioteca existe para que seus usuários tenham acesso à informação e lhes proporcione a leitura do acervo. Nesse sentido, afirmam Volpato *et al*, (2003, p.10):

> "No âmbito das universidades, um dos principais instrumentos de apoio que se tem para cumprir seus princípios e finalidades, é a biblioteca, pois é nela que se encontra a maior gama de matéria-prima do seu desenvolvimento e fator básico para seu desempenho, especialmente, para o cumprimento das funções indissociáveis de ensino, pesquisa e extensão."

A inclusão em uma biblioteca se dá quando sua porta se abre para receber todo o público, sem qualquer distinção, mesmo que seja com necessidades diferentes dos demais e consiga, interagindo, compreender suas necessidades e proporcionar um serviço diferente.

No campo das dificuldades encontradas pelos estudantes em suas relações com a biblioteca da Universidade, obteve-se o seguinte panorama:

Tabela 5 – Dificuldades encontradas na utilização da Biblioteca

Itens	n	%
Não teve dificuldades	41	68,3
Falta livros adaptados referentes à literatura do curso	5	8,3
Demora no processo de adaptação dos livros	4	6,7
Faltam computadores mais potentes	3	5,0
Não tem livros ampliados	2	3,3
Falta software mais eficaz ledor de tela	2	3,3
Dificuldade em acessar o catalogo IDV	3	4,0
Total	60	100,0

Dentre as dificuldades mencionadas pelos alunos, obteve maior freqüência à falta de livros adaptados referentes à literatura do curso e a demora no processo de adaptação desses livros. O livro adaptado (informação) emerge como um aspecto fundamental para bom desempenho do curso.

Possivelmente isso se deve ao fato de a biblioteca da UNICID não possuir catálogo IDV – Informação para deficiente visual, registros de livros adaptados

(informação) em número suficiente que possam atendê-los sempre no mesmo instante que os demais alunos. Face às demandas, inicia-se o procedimento de adaptação da informação e isso implica um determinado tempo para que a informação possa ser disponibilizada ao aluno.

Alguns alunos apontaram, ainda, como dificuldades a necessidade de computadores mais potentes e software ledor de tela mais eficaz, o fato de a biblioteca não ter livros ampliados, a dificuldade em acessar o catálogo IDV.

Esses dados vêm ao encontro da reflexão de Pupo e Vicentini (1998) sobre o dever institucional de contribuir para a acessibilidade dos usuários de bibliotecas universitárias, apontando para a satisfação de suas necessidades de informação que poderão ser alcançadas – com apoio de infra-estrutura, como também adaptações arquitetônicas. Berlamino (2004) diz que o acesso à informação pelo público com deficiência visual nas bibliotecas universitárias é ainda um desafio praticamente intocado.

Cabe salientar que é na harmonização e concentração de esforços que se viabiliza o acesso, com menos desigualdades, à informação e aos recursos tecnológicos das pessoas com deficiência.

Os dados obtidos reafirmam a necessidade dos alunos com DV em relação ao material informacional para seus estudos e que estão buscando melhorias visando ao seu melhor desempenho escolar. Não se pode deixar de registrar que para 68,3% dos participantes não há qualquer dificuldade como usuário da Biblioteca.

As sugestões para a ampliação e melhoria das condições da biblioteca estão descritas na tabela abaixo:

Tabela 6 – Sugestões para melhoria dos serviços da Biblioteca

Itens	n	%
Melhorar os computadores e o software ledor	4	17,4
Mais livros adaptados	4	17,4
Agilizar o trabalho de adaptação da informação	4	17,4
Solicitar livros digitais nas editoras e MEC	1	4,3
Reconhecimento do ambiente da biblioteca	1	4,3
Livros ampliados e leitor óptico	1	4,3
Funcionários aprendam Braille	1	4,3
Disponibilizar lista dos títulos adaptados	1	4,3
Acha bom, não precisa de sugestão	1	4,3
Respostas em branco	5	21,7
Total	23	100,0

Por freqüência das indicações

As experiências marcantes vividas na biblioteca da universidade abrangeram diferentes dimensões. Para alguns, o foco está no contato com os funcionários da biblioteca:

> *"... Foi quando a funcionária da Biblioteca Cida Luiz percebeu que eu não gostava ou melhor não sabia utilizar a informática, digitar e ela me incentivou a apreender e me ajudou muito ensinando e cada dia incentivando, e foi através dela de que eu percebi que através da informática é que eu posso ter a total autonomia."*
>
> *"... A ajuda e simpatia dos funcionários, da biblioteca, com os deficientes visuais."*

A dinâmica de trabalho da biblioteca, seus procedimentos de esclarecimentos aos usuários e as tentativas de facilitação do acesso, também emergiram nas respostas de alguns graduandos:

> *"... A Biblioteca da UNICID foi a responsável pela realização do meu sonho que era participar de um programa de Mestrado. Sem material bibliográfico acessível não seria possível. Por*

> *isso, é referência neste serviço, além de inspirar alguns projetos nas bibliotecas do Paraná."*
>
> *"... Uma experiência marcante foi uma reunião que tive na Biblioteca na qual foi explicado todo o procedimento e o atendimento que seria prestado a nós a partir daquele momento, um dos fatos citados nesta reunião foi o atendimento no piso térreo."*
>
> *"... Foi o fato de fazer a minha primeira pesquisa sozinha."*

A oportunidade do contato com colegas também foi referido como marcante nas experiências na Biblioteca:

> *"... Foi através da biblioteca que conheci meus amigos deficientes, pude ter mais contato com eles e conhecer mais sobre os serviços e mundo dos deficientes visuais e conheci o CAAD através da biblioteca."*

Estudiosos como Carvalho (1972), Masini (1993), Almeida (2000), Silveira (2000), Mazzoni *et al*. (2001), Torres e Mazzoni (2004), entendem que a biblioteca é espaço de contribuição para formação das pessoas com DV e meio de se conseguir que diminua a distância que há entre as pessoas de realizar suas conquistas e do desenvolvimento do potencial humano. E segundo Almeida (2004), o envolvimento, a relação humana, o afeto são fatores de contribuição para que a inclusão aconteça de fato.

Outro aspecto citado como marcante nas experiências na Biblioteca é o seu âmbito socializador. O serviço oferecido favoreceu a criação de um vínculo e contato muito maior entre os próprios usuários com deficiência visual e, através dessa ligação, além do ambiente de proximidade interpessoal, houve uma rica troca de informações a respeito desse universo específico do qual eles fazem parte.

Aqui, cabe salientar que uma biblioteca está preparada para lidar com esse público quando consegue enfrentar, problematizar e contribuir para a superação de esteriótipos e preconceitos que cercam a deficiência.

No espaço aberto a comentários, os alunos destacaram a biblioteca como um projeto único e pioneiro:

> *"... O comentário é que o serviço da biblioteca não tem e nem posso reclamar, é única que oferece essa ajuda o que posso dizer é dar os meus parabéns e que continuem a cada dia mais melhorando para nós."*
>
> *"... Este projeto é muito bom, por ser pioneiro dá para deixar melhor do que está, dando assim ao aluno deficiente o direito de poder estudar tendo acesso aos mesmos recursos que qualquer outro aluno teria."*

Também foi considerada importante a participação do projeto da biblioteca em eventos nacionais sobre o assunto:

> *"... Realização de eventos nacionais sobre o assunto, além de inserir nos eventos de leitura e biblioteconomia a experiência de uma biblioteca para todos. Sugestão: Seminário dos usuários da biblioteca digital."*

Um aluno enfatizou a facilidade que a biblioteca oferece o seu serviço:

> *"... A Biblioteca da Unicid propícia uma grande facilidade a nós , devido a ajuda dos funcionários e o material e Braille e digital, e quando estes materiais não estão prontos é possível solicitar. É muito bom saber que podemos contar com isso para estudar."*

Um estudante acentuou, ainda, a necessidade de melhoria:

> *"....Sugiro que substitua o programa Virtual pelo Jaws que é melhor."*
>
> *"....Penso que deveria haver uma sala na Universidade para guardar os livros em braile. Não concordo que fiquem na casa dos colegas!"*

Pouco a pouco fomos percebendo o quanto a existência desse espaço de leitura para esse público é importante, talvez muito mais do que imaginávamos. Nota-se que está além do prazer que a leitura pode proporcionar, e, além de abrir portas para a cultura, o conhecimento e a independência, pode proporcionar a construção da autonomia, cidadania e autoria dos processos de ser e estar no mundo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O princípio de igualdade de direitos é para todos os cidadãos, o que implica reconhecer que as diferenças das pessoas exigem condições que precisam ser atendidas para que se garanta tal princípio. A ausência dessas condições é uma violência que exige o exercício permanente da inclusão.

Das pessoas com necessidades especiais, o usuário com deficiência visual é o que mais exige ações específicas da biblioteca. Além da acessibilidade física também é necessário que hajam condições diferentes das exigidas pelo deficiente físico. Por exemplo, para que consulte, de maneira independente, exige-se a adaptação de todo o material informacional impresso. Por outro lado, a relação interpessoal também merece cuidados específicos ou mais atentos, para que não seja impregnada de preconceitos e paternalismos.

É um usuário como os demais universitários que, para o seu exercício acadêmico, requer condições adequadas, não assistencialistas e nem permeada de sentimentos de piedade. Essas condições permitiriam a este público o exercício da autonomia e situações menos desiguais do que as daquele que não apresenta quaisquer das necessidades no âmbito do uso da Biblioteca, espaço imprescindível para a vida universitária.

A partir dos “olhares dos acadêmicos com deficiência visual” sobre a Biblioteca Universitária, enquanto espaço formativo, identificam-se as características, dificuldades e possibilidades dessa população como seus usuários.

No âmbito das dificuldades, a mais freqüente está relacionada ao acesso à literatura de apoio às disciplinas em curso. Para o aluno com deficiência visual ter acesso, há necessidade de adaptação do material informacional impresso que resulta em tê-lo na linguagem braile, ou ampliada ou eletrônica ou gravação. Essa adaptação praticamente inexiste – como ter o material de todas as disciplinas dos vários períodos/ano e da multiplicidade de cursos da UNICID, pronto para a consulta/ consumo imediato e que, com raríssimas exceções, não está disponível no mercado.

Os avanços tecnológicos sinalizam práticas alternativas de acesso facilitado a esse tipo de usuário, ampliando as questões relativas à socialização, à utilização dos recursos da biblioteca e da informática.

Para o público em questão, a Biblioteca Universitária é ambiente de não exclusão quando a ele é permitido o acesso ao espaço físico e ao material informacional com independência.

A Biblioteca precisa permitir o uso independente de seu acervo e serviços por usuário com necessidades especiais, o que exige redimensionar a gestão da Biblioteca sem perder de vista as questões sociais e a busca pela equidade nas possibilidades de acesso e utilização dos bens culturais. Assim, a gestão da Biblioteca requer reavaliação das posturas dos profissionais que atuam neste espaço mediante as políticas de não exclusão, de promoção de ações de conscientização da comunidade acadêmica.

O diálogo entre as Bibliotecas universitárias torna-se necessário na busca da compatibilização de esforços de solução de situações comuns e, conseqüentemente, numa maior conscientização da sociedade na defesa da não exclusão de qualquer ser humano.

O presente estudo trouxe aprendizagens importantes:

1. a biblioteca pode ser um espaço que contribua para a formação das pessoas com DV e meio de se conseguir que diminua a distância que há entre as pessoas de realizar suas conquistas e do desenvolvimento do potencial humano;
2. a prática do professor na busca de alternativas de aprendizagem para o aluno com deficiência visual parece contribuir no decorrer de todo o processo de escolarização;
3. fatores como atenção, compreensão, relação entre os professores e colega em sala de aula são fundamentais para sua formação;
4. há necessidade da prática da linguagem Braille para o desenvolvimento educacional e a integração do aluno com deficiência visual na sociedade;
5. o atendimento prestado pelos funcionários que atuam na biblioteca universitária e a possibilidade de adaptar a informação são fundamentais para a construção de sua autonomia e de sua formação.

Essas aprendizagens parecem reforçar a crença de que a biblioteca universitária pode significar um caminho a serviço da diminuição e superação das diferenças, fortalecendo a construção da cidadania e participando da rede de ações comprometidas com a inclusão social.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M.C.B. *Planejamento de bibliotecas e serviços de informação.* Brasília: Briquet de Lemos, 2000. p.88.

ALMEIDA, M.S.R. *Conversando sobre escola inclusiva*. 2004. Disponível em: < :http://www.psicologia.com.pt/artigos/ver_opiniao.php?codigo=AOP0026&area=d11 > Acesso em: 20 abr 2004.

BARROS, A. J. P.; LEHFELD, N. A. S*. Fundamentos de metodologia*: um guia para a iniciação cientifica. São Paulo: Mac Graw- Hill, 1986. p.109.

BAPTISTA, J. A. *A importância do Braille na vida dos cegos*. Disponível em: <http://www.cb.msst.gov.pt/brallologia03.htm> Acesso em: 04 fev. 2006.

BENISTERRO, R. H.; SCHLUNZEN J. R., K. A formação continuada de educadores e as TIC na profissionalização de pessoas com deficiência visual. *Revista do centro de educação*,n.25, 2005. Disponível em: <http://www.ufsm .br/ce/revista/ceesp/2005/01/a7.htm>Acesso em: 11 fev. 2005.

BERLAMINO, J. *As Bibliotecas universitárias e o acesso à informação pelos indivíduos cegos.* Disponível em: <http://www.lerparaver.com/amigos /joana .html> Acesso em: 27 nov. 2004.

BORGES, J. A. dos Santos. Impactos das tecnologias de informação sobre os deficientes visuais. In.: SILVA, S. ; VIZIM, M. org. *Políticas públicas:* educação, tecnologias e pessoas com deficiências*.* Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 2003. p. 219.

BRASIL. *Decreto-lei nº 3.298*, de 20 de dezembro de 1999. Regulamenta a Lei nº 7.853, de 24 de outubro de 1989, dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, consolida as normas de proteção, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.cedipod.org .br/dec3298.htm> Acesso em : 22 jun.2005.

BRASIL*. Lei nº 7.853*, de 24 de outubro de 1989. Disponível em: <http://www. mj.gov.br/sedh/ct/conade/legislacao_sub.asp.> Acesso em: 20 abr. 2004.

BRASIL. *Lei nº 10.753*, de 30/10/2003 que institui a Política Nacional do Livro. Disponível em: < http://www.crb7.org.br/legisla/lei10753.html> Acesso em: 22 jun 2005.

BUENO, J. G. S. *Educação especial brasileira*: integração segregação do aluno diferente. São Paulo: Educ,1993. p.88.

CÂNDIA, N.I.; ÁVILA, V. F. Seis questões capitais em formação de professores. *Série Estudos*, Campo Grande, n.16, p.249-62, jul./dez. 2003.

CARVALHO, C. P. A biblioteca e os estudantes. *Revista de escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, UFMG, v.1, n.2, p.198, set.,1972.

CARVALHO, G. V. *Biografia da Biblioteca Nacional (1807 a 1990)*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural,1994. p.15-8.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. *Metodologia cientifica.* 5.ed. São Paulo: Prentice Hall, 2004. p.48.

CHARTIER, R. As práticas da escrita. In.: ARIES, P; CHARTIER, R. orgs. *História da vida privada 3*: Da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo : Companhia das Letras, 1991.

CHARTIER, R. As revoluções da leitura no ocidente. In : ABREU, M., org*. Leitura , história e história da leitura* . Campinas, SP: Mercado de Letras: ALB , São Paulo: FAPESP, 1999. p. 28.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA,1994. Disponível em:< http://www.lerparaver .com/legislacao/internacional_salamanca.html>. Acesso em: 8 mar. 2005.

DECLARAÇÃO MUNDIAL SOBRE EDUCAÇÃO PARA TODOS. 1990. Disponível em:< http://www.unesco.org.br/publicacoes/copy _of_pdf/ decjomtien>. Acesso em: 8 mar. 2005.

DIAS, A. C. Biblioteca universitária: sua integração ao processo de desenvolvimento. *Revista do Livro*, Rio de Janeiro, v. 10, n.31, p.47, 1967.

FERNANDES, D. M. S.; AGUIAR, I. M*. O deficiente visual e a biblioteca central da UEL*: relato de experiência. Londrina : UEL, [s.d.] Disponivel em: <http:// snbu.bvs.br/snbu2000/docs/pt/doc/t061.doc> Acesso em:15 abr. 2005.

FERREIRA, L. S. *Bibliotecas universitárias brasileiras*. São Paulo: Pioneira; Brasília: INL,1980. 118 p.

GONZÁLEZ, J. A. T. *Educação e diversidade*:bases didáticas e organizativas. Porto Alegre: Artmed, 2002. p.91-123.

HOFFMANN, L. T *Abordagem ergonômica para inserção laboral dos portadores de deficiência visual em estúdios de gravação*: um estudo de caso. Porto Alegre,2002. 97f. Tese (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

LACERDA, M. C. *Universidade e processo de decisão*: efeitos da reforma universitária Brasileira , 1973. 177f. Tese (Dissertação de Mestrado). Universidade de Brasília, Brasília. p.1.

LANGER, E. R. Leitura-construção de sentido. *Língua e Literatura*, n.20, p.103-11,1993.

LEMOS, E. R. A educação dos cegos . *Contato*, v.4, n.6, p.13, set. 2000.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em educação:* abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1988. p.11.

MANGUEL, A. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. 405p.

MARTINS, W. *A palavra escrita*: história do livro, da imprensa e da biblioteca. 3.ed. rev.. ampl. São Paulo: Ática, 2002. 519p.

MASINI, E. F. S. A educação do portador de deficiência visual: as perspectivas do vidente e do não vidente . *Em Aberto*, Brasília, v.13, n.60, p.61-76, out./dez.1993.

MAZZONI, A. A. *et al*. Aspectos que interferem na construção da acessibilidade em bibliotecas universitárias. *Ci Inf*. Brasília, v.30, n.3, p. 29-34, maio/ago. 2001.

MAZZONI, A. A.; TORRES, E. F. ; ANDRADE, J. M. B. Admissão e permanência de estudantes com necessidades educativas especiais no ensino superior. *Acta Scientiarum,* Maringá, v.23, n. 1, p.121-6, 2001.

Micro Power. Tecnologia em educação e negócios. Deficientes visuais. Disponível em: <http://www.micropower.com.br/dv/vvision5/benefici.asp>. Acesso em:16 nov.2005.

MIZUKAMI, M. G. N. *et al*. *Escola e aprendizagem da docência:* processos de investigação e formação. São Paulo : EdUFSCar,2002. 203p.

NADDEO, Sérgio A. S. O. ; GARCIA, Nely; MACHADO, Edileine V. Ser acadêmico: centro de apoio acadêmico aos deficientes. *ABMES Cadernos*, Brasilia, n.6, p.31-44, 2001.

ORTEGA Y GASSET, J. *El livro de lãs misiones*, Madrid: Espasa Calpes, 1965. 165p. p. 28–9.

PASTORE, J. *Oportunidades de trabalho para portadores de deficiência*. São Paulo: LTr, 2000. p.20.

PAPADOPOULOS, K. S.; GOUDIRAS, D. B. Alunos com discapacidad visual e exámenes em la universidad. *Entre dos mundos*: Revista de traducción sobre discapacidad visual, n.28, ago. 2005.

PUPO, D. T; VICENTINI, R. A. B. A Integração do usuário portador de deficiência às atividades de ensino e pesquisa: o papel das bibliotecas virtual. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 10, 1998, Fortaleza, Anais...Fortaleza, UFCe; UNIFOR, 1998. Disponível em:<http://libdigi .unicamp.br/document/?code=1122>. Acesso em: 05 set. 2004.

RAMOS, G. T. Mudança . In: FAZENDA , I. *Dicionário em construção:* interdisciplinaridade. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2002. p. 68.

RIBEIRO, Marlene. Educação para cidadania: questão colocada pelos movimentos sociais. *Educ. Pesqui.*, jul./dec. vol.28, n.2, p.113-28, 2002.

SILVA, E. T. *Elementos de pedagogia da leitura*. São Paulo: Martins Fontes, 1988. 95 p.

_____. *Leitura & realidade brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. p.36

_____. *Leitura na escola e na biblioteca*. 4.ed. Campinas, SP : Papirus, 1993. 115p.

SILVEIRA, J. G. Biblioteca inclusiva? In. SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS,11,2000,Florianópolis..Anais Disponível em:< http://snbu.bvs.br/snbu2000/parallel.html>. Acesso em: 05 set. 2004.

TAKAHASHI, T., org. Sociedade da informação no Brasil: Livro verde. Brasília : Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000. Disponível em :<http://www.socinfo. org.br/livro_verde/download.html>. Acesso em: 30 abr. 2005.

TORRES, E. F.; MAZZONI, A. A. Conteúdos digitais multimídia: o foco na usabilidade e acessibilidade. *C. Inf.,* Brasília, v.33, n.2, p.152, maio/ago. 2004.

TORRES, E. F. ;MAZZONI, A. A..; ALVES, J. B. M. A acessibilidade à informação no espaço digital. Ci. Inf. Brasília, v.31, n.3, p.83-91, set./ dez., 2002.

UNESCO. O ensino superior para uma nova sociedade : visão dos estudantes . In:_____ *Tendências da educação superior pra o século XXI*. Brasília: UNESCO/CRUB,1999 . p.458. Anais da Conferência Mundial do Ensino Superior.

VIZIM, M. Educação inclusiva: o avesso e o direito de uma mesma realidade . In.: SILVA, S. ; VIZIM, M. org. *Políticas públicas*: educação, tecnologias e pessoas com deficiências . Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 2003. p.63.

VOLPATO, S. M. B.; BORENSTEIN,C. R. ; SILVEIRA, A. *A natureza do trabalho do administrador de biblioteca universitária.* In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE PROPRIEDADE INTELECTUAL, INFORMAÇÃO E ÉTICA, 2, 2003, Florianópolis: Anais eletrônicos...Florianópolis:ACB, 2003. Disponível: < http://www.ciberetica. org.br/trabalhos/anais/43-43-c1-43.pdf> Acesso em 11 de fev. 2006.

VYGOTSKI, L.S. *Formação social da mente*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

ANEXO 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

A presente pesquisa, **A biblioteca universitária, espaços formativos e inclusão: a perspectiva de graduandos com deficiência visual**, tem como objetivos; descrever os processos e procedimentos adotados na biblioteca da UNICID no que tange ao atendimento de graduandos DV, analisar os olhares de estudante DV em relação à biblioteca, identificando dificuldades e possibilidades na utilização da biblioteca como um espaço formativo.

Para seu desenvolvimento foram aplicados questionários a 21 alunos DV, matriculados na Universidade Cidade de São Paulo. Dentre os procedimentos almejados não há previsão de qualquer desconforto ou risco para os participantes da investigação.

Considerando os preceitos éticos da pesquisa, você poderá, em qualquer etapa do estudo, ter acesso aos pesquisadores responsáveis pela investigação para esclarecimento de eventuais dúvidas. O principal investigador é a mestranda Mary Arlete Payão Pela que pode ser encontrada no endereço Rua Otília, 498, ap.124, Telefone 6957-3108.

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) – Rua Cesário Galeno, 432.

É garantida a liberdade da retirada de consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo, sem qualquer prejuízo à continuidade de seu tratamento na Instituição. As informações obtidas serão analisadas, não sendo divulgada a identificação de nenhum participante.

Não há despesas pessoais para o participante em qualquer fase do estudo, da mesma forma que não haverá compensação financeira relacionada à sua participação. Se existir qualquer despesa adicional, ela será absorvida pelo orçamento da pesquisa.

O pesquisador compromete-se a utilizar os dados e o material coletado somente para esta pesquisa.

Acredito ter sido suficientemente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo "Biblioteca universitária como espaço de inclusão : a perspectiva do aluno com deficiência visual"

Eu discuti com a Mary Arlete Payão Pela sobre a minha decisão em participar desse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos

permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

Assinatura do participante Data ____/____/____

(Somente para o responsável do projeto)

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste paciente ou representante legal para a participação neste estudo.

Assinatura do responsável pelo estudo Data ____/____/____

ANEXO 2 - ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO

Identificação: _____

Nome: _____

Endereço: _____

Cidade: _____

Idade :_____ anos

Curso: _____Ano de Ingresso: _____

Série Cursando: _____

Desenvolve atividade profissional: Sim ( ) Não ( )

Caso afirmativo: Qual? _____

Tempo que está trabalhando? _____

TRAJETÓRIA ESCOLAR

1. Relate uma experiência marcante de aprendizagem durante as séries do ensino fundamental.

2. Conte como foi o seu primeiro contato com livros na escola.

3. No ensino médio, relate uma vivência significativa partilhada na escola.

AS EXPERIÊNCIAS DE USO DA BIBLIOTECA NO ENSINO SUPERIOR

4. Cite três elementos da Universidade que favorecem a sua tarefa de aluno do ensino superior.

5. A Biblioteca é espaço de uso coletivo que possibilita o mesmo tratamento e atendimento a todo tipo de usuário.

Você concorda com essa frase?
( ) Sim. ( ) Não
Justifique: _____
_____
_____

Cite três elementos relacionados à biblioteca que contribuem para seu desempenho como universitário.

1) _____

2)_____

3)_____

Cite três dificuldades encontradas, por você, na utilização dos serviços da biblioteca.

1)_____

2)_____

3)_____

Cite três elementos relacionados à biblioteca que contribuem para sua aprendizagem.

1)_____

2)_____

3)_____

Relate uma experiência de uso da biblioteca na Universidade que tenha sido inesquecível.

_____

_____

Sugestões para a melhoria dos serviços da biblioteca.

_____

_____

Comentários que desejar fazer.

_____

_____

ANEXO 3 - LISTA DE INSTITUTOS E BIBLIOTECAS QUE PRODUZEM MATERIAL INFORMACIONAL PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Biblioteca Braille do Centro Cultural de São Paulo

Planejada e equipada para atender a portadores de deficiência visual, reúne em seu acervo livros didáticos, técnicos, literários, infanto-juvenis e também periódicos. Sua coleção, a maior do gênero no país, conta com aproximadamente 5600 obras, reunidas em cerca de 19 mil volumes.

A Biblioteca também atua como editora, produzindo livros em braille e livros falados. Os usuários contam com acompanhamento de bibliotecários, auxílio à pesquisa e atividades culturais, desenvolvidas periodicamente, como exposições e palestras. A Biblioteca Braille também possui computadores adaptados para que os deficientes visuais tenham acesso à Internet.

Todo o acervo está disponível para empréstimo aos usuários, inclusive aos residentes em outros estados, que podem ser atendidos pelo serviço de remessa postal.

Site: http://www.centrocultural.sp.gov.br/index.htm

Biblioteca Campus Senac (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial).
Acervo de livros em braile e de livros falados em fitas cassetes
Site: www.sp.senac.br

Biblioteca Monteiro Lobato - Secretaria de Cultura / Prefeitura Municipal de Guarulhos.
Acervo: Braille e livros gravados.

Secretaria de Cultura / Prefeitura Municipal de Guarulhos.
R. João Gonçalves, 439 Centro. CEP: 07010-010. Guarulhos, SP. Tel. (11) 6408-3767.

Biblioteca Pùblica do Estado do Amazonas - Secretaria de Estado da Cultura.
Acervo: braile, livros gravados e digitalizados.
R. Barroso, 57. Centro. CEP: 69010-050. Manaus, AM. Tel. (92) 234-0588. Fax. (92) 234-0588.

Biblioteca Pública do Paraná - Secretaria de Estado da Cultura.
Acervo em braile, livros gravados e digitalizados.
Site : http://www.pr.gov.br/bpp/def_visual.shtml

Coordenação da **REDECEE** – **Rede de Bibliotecas para Pessoas Cegas e com Visão Reduzida**. A Rede foi criada por esta biblioteca visando estimular a criação de outras seções braile nas bibliotecas públicas do Estado do Paraná. O objetivo é intercambiar informações e empréstimo do acervo. Confecção de livros infantis com ilustrações em relevo.

Biblioteca Pública Municipal Juscelino Kubitschek de Oliveira. Secretaria Municipal de Cultura / Prefeitura Municipal de Uberlândia
Acervo braile e livros gravados

Secretaria Municipal de Cultura / Prefeitura Municipal de Uberlândia.
Praça Cícero Macedo, s/n. CEP: 38400-216. Uberlândia, MG. Tel. (34) 3236-9625 e 3234-1600.

Biblioteca Louis Braille - Instituto Benjamin Constant Acervo braile e visual.- Audioteca.
Avenida Pasteur, 350 / 368. Urca - Rio de Janeiro - RJ. CEP: 22240-290. Tels: (21) 2543-2582 e 2295-4498. Fax: (21) 2543-2305.
Site:www.ibc.gov.br

CNPC - Catálogo Nacional de Publicações para Cegos.

Tem por objetivo relacionar, em nível nacional, todas as publicações existentes destinadas ao uso por cegos a fim de facilitar o acesso às mesmas e evitar a duplicidade de produção de uma obra em um mesmo meio: Braille, Fita Cassete, Disquete e outros. Assim, antes de se começar uma determinada obra, a Instituição que pretende fazê-la poderá consultar o Catálogo a fim de verificar se a mesma já existe naquele meio e, em caso positivo, solicitar as cópias necessárias e empregar o seu tempo na elaboração de outras obras.
Site: http://www.universoespirita.org.br/spleb/cnpc.asp

Rede SACI – Uma rede virtual desenvolvida e mantida pela Universidade de São Paulo (USP) e Rede Nacional de pesquisa (RNP) Esse espaço atua como facilitadora da comunicação e da difusão de informações sobre deficiência, visando a estimular a inclusão social e digital, a melhoria da qualidade de vida e o exercício da cidadania das pessoas com deficiência.

Catálogo Coletivo de Livros em Braille e Livros Falados
Site http://dedalus.usp.br:4500/ALEPH/por/BRL/BRL/BRAILLE

Catálogo que recupera informações específicas sobre livros em Braille e livros falados.
Desenvolvido pelo Sistema de Bibliotecas da Usp. A busca pode ser pelo título, autor e assunto.

AUDIOTECA
Audioteca Sal e Luz é um projeto de utilidade pública, que visa proporcionar a pessoas cegas e deficientes visuais acesso à cultura, à educação e à informação produzindo e emprestando livros gravados em fitas K7, atuando em todo o território nacional.
Site http://www.audioteca.com.br

ANEXO 4 - PLANILHA SCANNER/CORREÇÃO

UNIVERSIDADE CIDADE DE S. PAULO
UNICID
Formando profissionais mais competentes.

FRENTE

BIBLIOTECA PROF. LÚCIO DE SOUZA

PLANILHA Scanner/ Correção

Funcionário: _____

Aluno:	**Data Chegada:**	**Data Saída:**
CA:	**Tel:**	**E-mail:**
Curso:	**Ano:**	**Turma:**

Aluno quer o material em:
( ) Via e-mail: _____
( ) Braile (enviar ao CAAD)
( ) Virá retirar em disquete/ Data de retirada: ___/____/____

Material:_____
Referência: _____
Obs: Ao receber o material favor enviar a Referência para o processo técnico.
Nome do Arquivo:_____
Local do Arquivo:_____
Cópia de Segurança:_____

Scanner

Data:	Funcionário	Hora Início	Hora Término	Pág. Inicial livro	Pág. Final livro	Pág. Inicial arquivo	Pág. final arquivo	Nome do arquivo

VERSO (CORREÇÃO)

Nome do Arquivo:_____

Local do Arquivo:_____

Cópia de segurança:

Correção

Data:	Funcionário	Hora Início	Hora Término	Pág. Inicial livro	Pág. Final livro	Pág. Inicial arquivo	Pág. final arquivo	Nome do arquivo

Situação final:_____